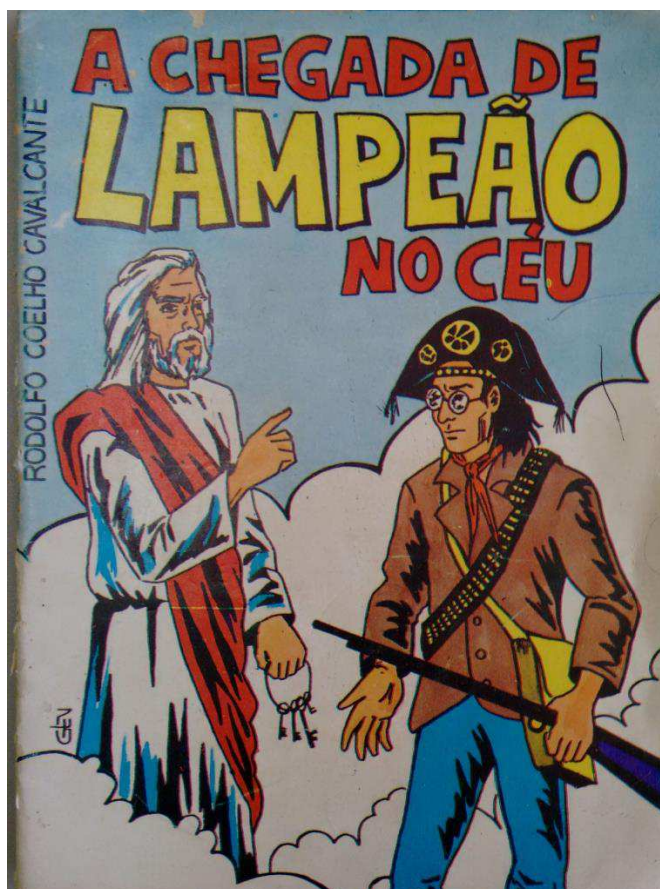




UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

NA TERRA, NO INFERNO E NO CÉU:
O CANGAÇO NA LITERATURA DE CORDEL (1905 – 2001)

GLIVERTON ALMEIDA ALVES



CAJAZEIRAS – PB
2017

GLIVERTON ALMEIDA ALVES

**NA TERRA, NO INFERNO E NO CÉU:
O CANGAÇO NA LITERATURA DE CORDEL (1905 – 2001)**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

Orientadora: Dra. Rosilene Alves de Melo

CAJAZEIRS-PB

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

A474t Alves, Gliverton Almeida.
Na terra, no inferno e no céu: o cangaço na literatura de cordel (1905 -
2001) / Gliverton Almeida Alves. - Cajazeiras, 2017.
86f.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Rosilene Alves de Melo.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2017.

1. Literatura de cordel. 2. Cangaço - representações. 3. Lampião. I.
Melo, Rosilene Alves de. II. Universidade Federal de Campina Grande.
III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 398.5

GLIVERTON ALMEIDA ALVES

**NA TERRA, NO INFERNO E NO CÉU:
O CANGAÇO NA LITERATURA DE CORDEL (1905 – 2001)**

Aprovada em 08 de 05 de 2017

BANCA EXAMINADORA

Rosilene Alves de Melo

Dra. Rosilene Alves de Melo (UFCG)
Orientadora

FRSchaub

Dr. Francisco Firmino Sales Neto (UFCG)
Examinador

Maria Lucinete Fortunato

Dra. Maria Lucinete Fortunato (UFCG)
Examinadora

Dra. Silvana Vieira de Sousa (UFCG)
Examinadora Suplente

**CAJAZEIRAS-PB
2017**

DEDICATÓRIA

*Ao meu Avô, Odilon dos Santos (In Memoriam)
grande incentivador, que não mediu esforços
para que seu Neto iniciasse esse curso superior.
Ao Amor, que me deu forças para superar as
percas, e me fez continuar, fazendo com que eu
chegasse até o fim.*

AGRADECIMENTOS

É chegado um dos momentos mais importantes e delicados, onde dirijo minhas palavras de agradecimentos aos que muito, muito mesmo, me ajudaram de forma direta, indireta, e de todas as formas, para que eu pudesse chegar ao fim dessa etapa da minha vida.

Inicialmente agradeço a Deus, ser supremo e único Deus, na qual rendo graças por minha e por todas as vidas, levando em consideração que, sem ele não estaríamos vivos, quanto mais estudando, ensinando, formando-nos, ou simplesmente vivendo.

De forma muito especial e já me emocionando ao escrever, agradeço a base de tudo em minha vida. Minha FAMÍLIA: Minha Mãe Osana, meu Pai Glivalter e meu irmão Vitor Emanuel (Vitinho), onde neles ganhei uma força inexplicável, tendo o apoio de iniciar este Curso que finalizo hoje com muita alegria.

A minha fonte de inspiração, na qual adquiri o amor pela HISTÓRIA, uma Professora com P maiúsculo, e que quem à conhece sabe. Capacitada, dedicada, esforçada e muito inteligente. Minha madrinha Simone! Ao escrever essas linhas na qual te dedico me emociono ao lembrar de nossas aulas de história na Escola Municipal Ariamiro Germano da Silveira, em Major Felipe. Dinâmicas e cheias de aprendizado, na qual você com toda garra se esforçava para que nós, seus alunos, pudéssemos aprender cada vez mais. Obrigado por cada dia, obrigado por cada aula dada, obrigado por cada conteúdo ministrado, obrigado pelos vários sim's e notas positivas, e agradeço mais ainda pelos não's e pelas vezes que a senhora me dizia que era preciso melhorar. Podes crer que, se hoje eu amo a História (e pode ter certeza que amo e muito) foi devido a suas aulas bem dadas, e a sua forma de ensinar, com toda calma e paciência que nem todos tem. Hoje amo a história por sua culpa! Rsrs. Muito obrigado. Que Deus te abençoe hoje e sempre.

Também dedico nesse espaço, palavras de agradecimentos a meus avós maternos, Odilon dos Santos (*in memorian*) e Raimunda Nonata, que sempre foram presentes em minha vida e que fizeram de tudo, se esforçando para me ajudar de todas as formas, almejando me verem formado. Não esquecendo também da matriarca da nossa família, minha bisavó Raimunda Leonízia, juntamente com suas filhas e minhas tias, Maria Almeida e Francisca Inácia de Almeida, carinhosamente chamadas de Aiá e Baxixa,

respectivamente, que também fizeram o possível e impossível para tornarem o meu sonho possível, frente todas as dificuldades que passamos juntos durante essa jornada. A todos vocês, muito obrigado.

Minhas palavras se estendem ainda a uma professora que me acompanhou por longos períodos e que está ao meu lado até hoje. Guerreira, batalhadora, simples e humilde. São vários os adjetivos que a representa. Faltariam páginas. Mas gostaria de expressar todo meu amor por você, Rosilene Alves de Melo, e todo carinho. O nosso laço de amizade, hoje, é muito maior do que acadêmico. É pessoal. Obrigado pelas aulas de Antiga, de TCC, Obrigado por me aceitar como orientando, enchendo seu saco por algumas vezes, obrigado por me aguentar até os dias atuais. Obrigado por entender que ninguém é perfeito, muito menos eu. Das poucas amizades que a academia me proporcionou, seu nome está no topo da lista. Obrigado por tudo.

Agradeço também a três amigos com os quais, pude compartilhar ao lado deles experiências magnificas na realização da V Semana Nacional de História do CFP em Cajazeiras. Thaíze dos Ramos Lira, Yan Bezerra de Moraes e Paulo Sergio dos Santos Campelo. Obrigado meus amigos pela confiança no meu trabalho, obrigado pela dedicação do vosso tempo para com nossas tarefas e agradeço mais ainda por todos momentos que vocês puderam me proporcionar, não só durante a preparação e a realização da Semana de História, mas durante todo o nosso curso. Sou grato a Deus pela vida de vocês e rogo a ele bênçãos de muita saúde e uma vida cheia de realizações. Vocês valem mais que ouro em minha vida.

De forma carinhosa e especial a uma amiga que foi colocada em meu caminho de forma extraordinária. Ela surgiu como um anjo enviado por Deus, para ajudar aquele recém chegado do ensino médio para iniciar sua vida acadêmica. Falo a vocês de Thaíze dos Ramos Lira, citada acima, uma garota, mulher, de inteligência invejável, mas que acima de tudo, se destaca por ser uma pessoa simples e de bom coração. Obrigado minha amiga pelos bons momentos juntos, pelas dicas compartilhadas, pela ajudas no início, meio e fim desta etapa de minha vida. Você foi, e creio que sempre será, uma referência para mim, como aluna, amiga, professora. Não te esquecerei jamais, não te deixarei em paz, jamais. Só Deus nos separará. Hoje agradeço a Deus por te me enviado você, como um anjo intercessor, na qual pude me valer em vários momentos de dificuldades. Muito obrigado por tudo. Te amo muito.

Aos amigos que a UNIVERSIDADE me deu, em especial a turma na qual denominamos de Histofarristas. Amigos estes que guardarei para sempre em meu coração e que jamais os esquecerei. Obrigado Júlio, Edson, Hugo, Thiago, Raimundo Filho, Cardinaly, Ligielle, Vanderlânia, Jeane, Sarah, Jussara, Maria José e Jucicleide, por compartilharem comigo momentos únicos e especiais. Obrigado por todas as manhãs, tardes e noites, nas quais passamos juntos. Obrigado por todas as lágrimas choradas juntos, e também por todos os momentos felizes que pudemos vivenciar. Vocês sim são AMIGOS de verdade e com todas as letras maiúsculas. Muito me alegro e também me emociono recordando nossos cafés da manhã na cantina, nossos encontros para estudarmos juntos e dividirmos experiências, nossas saídas à noite pra comemorar, e aquela cena que jamais sairá de nossa mente, um dia especial na qual no reunimos para fazer as fotos da formatura e que chagamos no câmpus em cima de uma Pampa, guiada por Hugo. Enfim, são momentos como esses que ficarão eternizados em meu coração, e que jamais poderei apagá-los. Amo vocês até o fim dos meus dias. Vocês são do meu coração. Obrigado por tudo galera.

Aos demais amigos, que por motivos pessoais não concluíram o curso, mais que fazem parte de minha vida: Rodrigo, Chintia, Carla Késsia, Bruno, Yorlonson, e aos demais amigos do curso de história da turma 2011.1.

Agradeço pela força e coragem aos amigos mais próximos da minha “terrinha”, que me ajudaram durante essa jornada, me incentivando e dando força e coragem para chegar até o fim: Camila, Raquel, Ariela, Eduardo, Abel, Ana Maria, Jocenilton Costa, Cleidinha, Deguinha e Pe. Daví. Por tudo, meus amigos, muito obrigado.

Aos amigos: Breno, Heverton, Danilo, Josué, João Paulo, Fernando, que me acolheram em suas casas, quando precisei permanecer em cajazeiras para alguma atividade acadêmica. A todos vocês, meu muito obrigado.

Aos amigos Matheus Micael e Gilberto Silva, pelos trabalhos gráficos e designs realizados.

Externo ainda meus agradecimentos a minha banca examinadora, nas pessoas dos Professores Francisco Firmino Sales Neto, Maria Lucinete Fortunato e Silvana Vieira de Souza. Em nome da Professora Viviane Gomes de Ceballos, gostaria de agradecer também a todos os professores do curso de História do CFP, na pessoa do Professor Rodrigo Ceballos, agradecer aos funcionários e amigos da Coordenação de curso, e na

pessoa do Diretor Antônio Fernandes, meus agradecimentos a todos que fazem o campus de Cajazeiras-PB.

Enfim, agradeço a todos que direto ou indiretamente me ajudaram a chegar ao fim de mais uma etapa da minha vida. Que Deus abençoe a todos.

*Sertão, argúem te cantô,
Eu sempre tenho cantado
E ainda cantando tô,
Pruquê, meu torrão amado,
Munto te prezo, te quero
E vejo qui os teus mistéro
Ninguém sabe decifrá.
A tua beleza é tanta,
Qui o poeta canta, canta,
E inda fica o qui cantá.*

Patativa do Assaré

RESUMO

O objetivo deste trabalho é confrontar as diversas representações acerca do cangaço nos folhetos de cordel produzidos no Brasil ao longo do século XX, de modo particular, àquelas tecidas entorno da figura emblemática de Virgulino Ferreira da Silva, mais conhecido como Lampião. A literatura de cordel caracteriza-se como uma poesia em versos que rimam entre si e que elabora uma narrativa. Nas primeiras décadas do século XX os folhetos de cordel se disseminaram nos centros urbanos e nos sertões do Brasil, levando notícias e opiniões dos poetas acerca dos acontecimentos que apareciam nas páginas dos jornais, bem como na opinião pública. Assim o cordel possui uma dupla perspectiva: noticiar o acontecido e, ao mesmo tempo, trazer o ponto de vista do autor no poema que, por sua vez, traduz para os versos a opinião dos leitores. Com vistas a atrair um maior número de leitores e garantir a aceitação de seus livros, os poetas de cordel costumam veicular a opinião dos leitores de seus textos e, por este motivo, a literatura de cordel se tornou um dos gêneros mais difundidos no País, quando passou a ser reconhecido como a “a arte do povo” (GRILLO, 2005). Enquanto literatura, o cordel necessariamente não tem como obrigação reproduzir “com fidelidade” o acontecido, mas por meio da imaginação narrar uma história, misturando ficção e realidade. É por isso que o cordel se justifica enquanto fonte privilegiada do historiador para ter acesso ao pensamento, ao ponto de vista, e às representações sociais que circulam num determinado momento. Neste sentido, a literatura de cordel possui um *corpus* de folhetos extremamente significativo, que vão desde àqueles que noticiam cotidianamente “os passos” dos cangaceiros, até àqueles produzidos após o fim do movimento, quando os poetas dão vazão ao imaginário popular. A documentação histórica que fundamenta este trabalho foi realizada a partir do levantamento de folhetos escritos sobre o cangaço no Brasil desde 1905 quando o poeta Francisco das Chagas Batista (1882-1930) publicou o cordel *A vida de Antônio Silvino* (1905). Desde então os poetas vem narrando as façanhas realizadas pelos cangaceiros, ora representando esses sujeitos como “bandidos”, ora como “heróis”, quando os poetas colocam seus personagens no céu ou no inferno. A documentação consultada para esta pesquisa encontra-se disponível nos acervos digitais do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular e na Casa Rui Barbosa. Foram identificados inicialmente 73 (setenta e três) folhetos, dos quais 14 (quatorze) foram selecionados para realização desse trabalho. Do ponto de vista teórico, esta pesquisa se identifica com as perspectivas da História Cultural a partir dos estudos que problematizam as relações entre história, literatura e memória coletiva (CHARTIER 1990; 1995; CERTEAU, 1995).

Palavras-Chave: Cangaço; representações, literatura de cordel

ABSTRACT

The objective of this work is to confront the diverse representations about the cangaço in the cordel leaflets produced in Brazil throughout the 20th century, particularly those woven around the emblematic figure of Virgulino Ferreira da Silva, better known as Lampião. Cordel literature is characterized as a poetry in verses that rhyme with each other and elaborate a narrative. In the first decades of the twentieth century the cordel leaflets spread in the urban centers and backlands of Brazil, bringing news and opinions of the poets about the events that appeared on the pages of the newspapers, as well as public opinion. Thus the string has a double perspective: to report what happened and, at the same time, to bring the author's point of view in the poem which, in turn, translates to the verses the opinion of the readers. In order to attract a greater number of readers and to guarantee the acceptance of their books, the cordel poets usually convey the opinion of the readers of their texts and, for this reason, cordel literature has become one of the most widespread genres in the country, When it came to be recognized as "the art of the people" (GRILLO, 2005). As a literature, the string necessarily has no obligation to reproduce "what happened, but through the imagination tell a story, mixing fiction and reality. That is why the cord is justified as a privileged source of the historian to gain access to thought, to the point of view, and to the social representations that circulate in a given moment. In this sense, cordel literature has an extremely significant corpus of leaflets, ranging from those who daily report "the steps" of the cangaceiros, to those produced after the end of the movement, when the poets give vent to the popular imagination. The historical documentation that underlies this work was made from the collection of leaflets written on the cangaço in Brazil from 1905 when the poet Francisco das Chagas Batista (1882-1930) published the string *The Life of Antônio Silvino* (1905). Since then the poets have been narrating the exploits performed by the cangaceiros, sometimes representing these subjects as "bandits", sometimes as "heroes", when poets put their characters in heaven or in hell. The documentation consulted for this research is available in the digital collections of the National Center of Folklore and Popular Culture and in Casa Rui Barbosa. Initially, 73 (seventy three) leaflets were identified, of which 14 (fourteen) were selected for this work. From the theoretical point of view, this research identifies itself with the perspectives of Cultural History from the studies that problematize the relations between history, literature and collective memory (CHARTIER 1990, 1995, CERTEAU, 1995).

Keywords: Cangaço; Representations, literature of twine

SUMÁRIO

ABRINDO O FOLHETO	13
1. O CANGAÇO NA TERRA	25
1.1 - A narrativa dos folhetos contemporâneos do cangaço	25
1.2 - A ira e a vida de Antônio Silvino	27
1.3 - História completa de Antônio Silvino: sua vida de crimes e seu julgamento.....	31
1.4 - O combate de José Colatino e o Carranca do Piauí.....	36
1.5 – Uma das maiores proezas que Antônio Silvino fez no sertão pernambucano.....	38
2. O CANGAÇO NO INFERNO	43
2.1 - A morte de Lampião	43
2.2 - A chegada de Lampião no inferno	49
2.3 - Como Lampião fez o Diabo chocar um ovo	42
2.4 - A briga de Antônio Silvino com Lampião no inferno.....	56
2.5 - O barulho de Lampião no inferno	59
3. O CANGAÇO NO CÉU	63
3.1 - A chegada de Lampião no Céu.....	63
3.2 - O encontro de Lampião com Padre Cícero.....	67
3.3 - O encontro de Lampião com Frei Damião.....	73
VIRANDO A PÁGINA E FECHANDO A HISTÓRIA	78
REFERÊNCIAS	81

ABRINDO O FOLHETO

Lampião pagou bem caro
 Pela atitude errada.
 Como a morte não bastasse,
 a cabeça foi cortada
 para encenar um museu
 De gente civilizada.
 (CARVALHO, 1984, p. 31)

Este trabalho busca problematizar as representações acerca do cangaço que emergem na literatura de cordel produzida no Brasil ao longo do século XX, procurando perceber as visões presentes nos mesmos e os pontos de vista dos poetas que, ora descrevem o cangaço como um movimento de vilões, ao situar espacialmente os cangaceiros no inferno e, em paralelo a isso, perceber a defesa do cangaço como movimento heróico, elevando os cangaceiros ao céu.

É possível perceber que as representações sobre o cangaço na literatura de cordel são marcadas por ambiguidades, pois as palavras são utilizadas para descrever e narrar as ações dos cangaceiros que estão marcadas de sentidos positivos e negativos. Estas ambiguidades, esses conflitos de representações estão bastante evidentes nos folhetos de cordéis que foram utilizados nesta pesquisa.

Em primeiro lugar é importante destacar que o tema do cangaço é um dos assuntos mais recorrentes na literatura de cordel, não sendo possível contabilizar quantos folhetos foram escritos sobre esse tema¹. O que sabemos é que desde as

¹ Os primeiros folhetos escritos sobre o cangaço foram publicados na primeira década do século XX, no período entre 1905 e 1918. A maior parte dos primeiros folhetos são de autoria de Francisco das Chagas Batista e Leandro Gomes de Barros. A partir dos folhetos originais na Fundação Casa de Rui Barbosa foi possível identificar os primeiros cordéis sobre o cangaço.

Obras de Francisco das Chagas Batista: *A história de Antônio Silvino. 1 volume* (BATISTA, 1905); *A história de Antônio Silvino (novos crimes). Contendo todas as façanhas do célebre quadrilheiro desde setembro de 1907 até junho de 1908* (BATISTA, 1908); *As vítimas da crise. Continuação da história de Antônio Silvino* (BATISTA, s.d); *O interrogatório de Antônio Silvino* (BATISTA, 1981).

Folhetos de Leandro Gomes de Barros: *As lágrimas de Antônio Silvino por Tempestade* (BARROS, s.d); *As proezas de Antônio Silvino. Os cálculos de Antônio Silvino* (BARROS, s.d); *O nascimento de Antônio Silvino* (BARROS, s.d); *O sonho de Antônio Silvino na cadeia em que lhe apareceram as almas de todos que ele matou* (BARROS, 1918); *Todas as lutas de Antônio Silvino* (BARROS, s.d); *A confissão de Antônio Silvino. Como Antônio Silvino fez o diabo chocar* (BARROS, 1980); *A ira e a vida de Antônio Silvino* (BARROS, 1912); *A visão de Antônio Silvino* (BARROS, s.d); *Luta do Diabo com Antônio Silvino* (BARROS, s.d); *Antônio Silvino no Jury. Debate de um advogado* (BARROS, s.d); *Antônio Silvino: o Rei dos Cangaceiros* (BARROS, s.d); *Antônio Silvino se despedindo do campo* (BARROS, s.d); *As exclamações de Antônio Silvino na cadeia* (BARROS, s.d).

primeiras décadas do século XX, logo quando a literatura de cordel passou a ser publicada com mais intensidade no Brasil, que os poetas narram as peripécias, os crimes, as prisões e as mortes dos cangaceiros (TERRA, 1983; MELO, 2010). Para poder organizar esta vasta documentação, dividimos os folhetos pelo período em que foram publicados, separando os folhetos que foram contemporâneos do cangaço daqueles que foram escritos após o fim do movimento, marcado pela morte de Lampião em 1938 e a rápida desarticulação dos demais grupos pouco tempo depois. Dessa forma percebemos que há três modos possíveis de perceber o cangaço a partir da literatura de cordel: os folhetos que noticiam os acontecimentos durante o movimento, os folhetos que após o fim do grupo contribuem para a mitificação do cangaço (a partir da entrada do cangaço no “céu”) e os folhetos que se opõem ao movimento (a partir dos folhetos que colocam o cangaço no “inferno”). Portanto, o recorte temporal dessa pesquisa se situa entre 1905 a 2001, período em que há um vasto corpus documental acerca do cangaço, ao qual tivemos acesso nos acervos consultados.

É importante destacar que a literatura de cordel “cresce” em paralelo ao movimento do cangaço, se alimenta dele e o propaga. Um vai ajudando ao outro, em sua divulgação. O cordel como literatura ficciona narrativas sobre o cangaço até mesmo após o seu fim. Várias representações vão surgindo ao longo dos anos e a prática de escrever sobre o cangaço continua até os dias atuais, sendo possível afirmar que o cangaço é um tema quase obrigatório para os poetas da literatura de cordel no Brasil. Sendo assim, tal trabalho vem analisar como foram construídas as narrativas e as sucessivas representações construídas ao longo do tempo. Portanto, a partir das palavras de Francisco Jacson Martins é possível afirmar que:

Essa multiplicidade interpretativa, seja como herói, seja como bandido se formou em torno da figura do cangaceiro um conjunto de atributos, tais como a valentia e a bravura, constituindo-se um verdadeiro mito tão celebrado pelos cantadores e poetas populares (VIEIRA, 2012, p. 135).

A intenção que move esta pesquisa é tentarmos compreender como os cordelistas abordam o movimento do cangaço, se baseando em várias representações dos próprios homens que se enquadram no movimento que, no desenrolar do trabalho, vão se apresentando como significativas e de múltiplas faces, ora como aqueles “ladroes

bonzinhos”, ora como “ladrões justiceiros”. Dessa forma, mesmo após o fim do grupo liderado por Lampião, o cangaço continuou se configurando no imaginário popular, com múltiplas faces e as várias representações que estão em torno do movimento. De acordo com o historiador Guerhansberger Tayllow,

O cangaço caracteriza-se, na história do Nordeste brasileiro, como um dos fenômenos que passou a simbolizar a região e seu povo, deixando profundas marcas na gestada cultura nordestina, no imaginário popular e na memória histórica da região. Abrangendo um período consideravelmente longo, o cangaço tem seus enraizamentos no século XVIII, passando pelo XIX e florescendo com maior notoriedade na primeira metade do século XX. Inúmeros homens e mulheres se notabilizaram nessa forma de vida, surgindo, assim, vários grupos de cangaceiros que varreram o sertão nordestino (SARMENTO, 2016, p. 12).

A escolha deste tema de pesquisa se deve ao fato de que o mundo do cangaço começou a fazer parte das inquietações pessoais ainda na formação inicial, quando me deparei com o cangaço no ensino de história da rede pública. Mas além das aulas, tive a oportunidade assistir exposições sobre o movimento e de ter participado ativamente de um grupo de dança de xaxado que se apresentou em vários festivais em Natal, Mossoró, João Pessoa, Laranjeiras, Exú e também em Serra Talhada. Todas essas experiências me fizeram despertar um laço de intimidade com o cangaço, instigando o desejo de me tornar um estudioso do tema como historiador.

Numa visita realizada a casa onde nasceu Lampião, no Sítio Passagem de Pedras, antiga Vila Bela e atual Serra Talhada, pude vivenciar um momento de intensa emoção pessoal, onde na oportunidade presenciei e toquei objetos que foram utilizados pelo bando de Lampião, que ali residiram por volta da década de 1920 e 1930. A partir de então surgiram indagações, inquietações que só aumentaram quando comecei a refletir sobre a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso: por que muitos estudiosos apresentam o cangaço como um movimento que “roubam dos ricos, para dar aos pobres” e que também roubam em benefício próprio? Qual motivo que impulsionou os artistas, escritores, cordelistas a representar os cangaceiros como ladrões e como justiceiros? Qual o interesse, por parte dos cangaceiros, em adquirir tantos objetos, sendo eles de maneira exacerbada, tais como: anéis, medalhas, colares entre outras joias? Então, motivado inicialmente por essas questões, enveredamo-nos pelos estudos

acerca do cangaço, enquanto movimento conhecido nacionalmente. A citação abaixo reflete um pouco dessas inquietações que durante muito tempo me acompanharam.

A aura da epopéia que indiscutivelmente o envolve tem feito do Cangaço, ao longo do tempo, fonte inesgotável de inspirações para artistas dos mais diversos gêneros – da literatura ao cinema, do teatro às artes plásticas – tanto na vertente erudita quanto na popular. E se há no Cangaço um elemento épico, este é ainda exacerbado pelos trajes e equipagem dos cangaceiros, com seus anéis e medalhas, seus lenços coloridos, seus bornais cheios de bordaduras, os chapéus de couro enfeitados com estrelas e moedas – tudo isso que se coaduna perfeitamente com o espírito dionisíaco de dança e de festa dos nossos espetáculos populares e compõe uma estética peculiar, rica e original (...) (SUASSUNA *apud* MELLO, 2010, p. 14).

O cordel como fonte vem viabilizar a interação do leitor com a vida destacada em seus versos. De fácil leitura e também pelo fato de que muitos cordéis são lidos em voz alta, o cordel faz com que o leitor se adentre e possa vivenciar os fatos e acontecimentos ocorridos no tempo que a história foi contada. O fato de ser um texto de fácil acesso escrito em versos curtos que rimam entre si facilita a leitura e a memorização da narrativa mesmo por aquelas pessoas que não possuem intimidade com os livros. O cordel está repleto de narrativas de histórias de vida e de narrativas transmitidas pela oralidade e pela poesia cantada de improviso pelos violeiros. Os folhetos de cordel abordam os mais diversos assuntos, sejam questões sociais, políticas, de gênero ou religiosas, daí a riqueza dessa literatura para a pesquisa histórica.

Desde que surgiu no Nordeste do Brasil, no final do século XIX, independente do sistema literário institucionalizado, a literatura de cordel vem testemunhando fatos e acontecimentos que revelam a preocupação dos poetas, leitores e ouvintes com o mundo ao seu redor. Essa literatura impressa em papel barato, pardo, medindo cerca de 12 cm x 18 cm, com oito, 16 ou 32 páginas e contendo ilustrações em xilogravuras, ocupa um espaço de criação que deve ser percebido em vários níveis: o simbólico, o artístico, o lingüístico, o social, o político, o econômico e, especialmente, o histórico (GRILLO, 2008, p. 123-124).

Enquanto literatura, o cordel necessariamente não tem como obrigação reproduzir “com fidelidade” o acontecido, mas por meio da imaginação narrar uma história, misturando ficção e realidade. É por isso que o cordel se justifica enquanto fonte privilegiada do historiador para ter acesso ao pensamento e às representações sociais que circulam num determinado momento. Neste sentido, a literatura de cordel

possui um *corpus* de folhetos extremamente significativo, que vão desde àqueles que noticiam cotidianamente “os passos” dos cangaceiros, até àqueles produzidos após o fim do movimento, quando os poetas dão vazão ao imaginário popular.

A documentação histórica que fundamenta este trabalho foi obtida a partir do levantamento de folhetos escritos sobre o cangaço no Brasil desde 1905 quando o poeta Francisco das Chagas Batista (1882-1930) publicou o cordel *A vida de Antônio Silvino* (1905). Desde então os poetas vem narrando as façanhas realizadas pelos cangaceiros, ora representando esses sujeitos como “bandidos”, ora como “heróis”, quando os poetas colocam seus personagens no céu ou no inferno. A documentação consultada para esta pesquisa encontra-se disponível nos acervos digitais do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular² e na Casa Rui Barbosa³. Foram identificados inicialmente 73 (setenta e três) folhetos, dos quais 27 (vinte e sete) foram selecionados para realização desse trabalho, e 14 (quatorze) foram utilizados.

A primeira geração de poetas a escrever sobre o cangaço é formada pelos seguintes autores: Leandro Gomes de Barros (1865–1918); João Melquíades Ferreira da Silva (1869–1933); Francisco das Chagas Batista (1882–1930); José Camelo de Melo Rezende (1885–1964) que começam a dar visão e a descrever o cangaço em tempo real ao seu acontecimento. Estes foram os primeiros narradores do cangaço.

A segunda geração tem como expoentes João Martins de Athayde (1880-1959); Manoel Camilo dos Santos (1905-1987); José Pacheco da Rocha (1890-1954); Manoel D’Almeida Filho (1914-1995); Elias Alves de Carvalho (1918- ?); Minelvino Francisco da Silva (1926 – 1999); José Pacheco (1890 – 1954). Estes poetas estavam em atividade quando o cangaço ainda existia e acompanharam o fim do movimento. Seus folhetos noticiam os acontecimentos e, também, projetam um imaginário do cangaço por meio da ficção. Nas palavras de Roberto dos Reis e Benedito José de Araújo: “enquanto o Rei do Cangaço ainda vivia, os poetas escreviam sobre suas lutas, seus crimes e seus feitos. Após sua morte, os folhetos passaram a ser sobre as fantasias e sonhos, chegando a serem absurdos” (CRUZ; VEIGA, 2012, p. 2165.).

² http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Secao=65

³ <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/>

A terceira geração é formada por poetas em atividade atualmente: Raimundo Santa Helena (1926-); José Costa Leite (1927-); Gonçalo Ferreira da Silva (1937-); Abraão Bezerra Batista (1935-) e Hamurábi Batista (1971-).

Vários adjetivos foram lançados àquelas pessoas que se envolviam com o mundo do cangaço: “quadrilheiro”, “herói”, “salvadores da pátria” e até mesmo, tidos como “Robin Hood” do sertões, os cangaceiros são aclamados. Bons moços, com modos e que se importam com os seus amigos, parentes e irmãos.

Visto que também na literatura popular nordestina os autores se voltam para a construção do herói, construindo sua obra a partir de elementos do imaginário popular: “(...) todavia a ambiguidade ora apresentada abre um leque ao compreender o tratamento dado ao cangaceiro pelo fato dele não construir um criminoso comum, mas que o próprio autor o define como bandido social” (CRUZ; VEIGA, 2012, p. 2168).

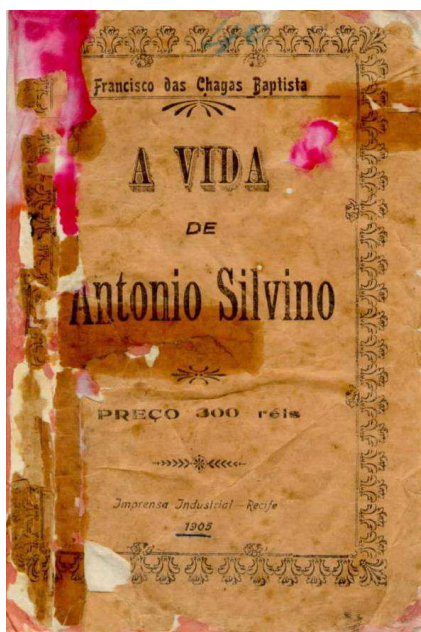


Figura 1: Capa do folheto *A vida de Antônio Silvino* (BATISTA, 1905)⁴

A temática do “cangaço” aparece na literatura brasileira pela primeira vez na obra *O Cabeleira* (2002) de Franklin Távora (1842–1888), publicado em 1876, que narra a vida de José Gomes, (conhecido como Cabeleira) aterrorizador dos sertões Pernambucanos, ainda no século XVIII. A narrativa de Franklin Távora começa a ganhar rumo partindo da infância do cangaceiro e da influência de seu pai (ensinando-o

⁴ <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/FranciscoChagas/franciscoChagas.html>.

para as práticas mundanas) e da sua mãe (que cativava-o e incentivava-o com bons ensinamentos). Mesmo tendo tido uma infância tranquila, a revolta começa a fazer parte da vida de Cabeleira quando falta oportunidade de emprego, num contexto de secas, fome, miséria e morte. A consciência desses problemas desperta a revolta no jovem que decide fazer justiça com as próprias mãos. Ao longo do livro Franklin Távora reproduz alguns versos acerca de *Cabeleira* que descrevem várias passagens de sua vida:

Minha mãe me deu
Contas p'ra rezar
Meu pai deu me faca
Pra eu matar (TÁVORA, 2002, p. 44)

O roteiro presente em *O Cabeleira* – a miséria como condição para surgimento do cangaceiro - começa a ser repetido para explicar a violência que surge por falta de oportunidades para a vida pessoal, da vida sofrida nos sertões nordestinos. A combinação da seca, da fome e da falta de oportunidades para os jovens surge como uma das explicações para a revolta e a violência do cangaço. Notamos então que, tanto na literatura de cordel como no romance, as condições sociais que explicam o aparecimento do cangaço estão presentes há muito tempo.

No entanto, é no século XX que a literatura de cordel passou a acompanhar sistematicamente os acontecimentos que envolviam o cangaço. Tais práticas e ações, que eram relatadas e redigidas pelos poetas “em tempo real” (durante os acontecimentos) seriam mais tardes relatados e apreciados por estudiosos, gerando assim, um *corpus* documental que além de divertir e informar os leitores se constitui hoje como uma importante fonte de pesquisa histórica.

Por conta da diversidade de temas que são abordados nas pesquisas acerca do cangaço, realizamos um diálogo com a historiografia e percebemos que o cangaço já foi analisado a partir de várias fontes, imagens, documentos oficiais, músicas, entrevistas dentre outros. No entanto, nesta pesquisa optamos por analisar as representações do cangaço a partir do cordel, sendo esta arte considerada detentora de saber histórico para a sociedade, possuindo um grande acervo sobre o tema, possibilitando assim o acesso de muitos estudiosos com a vida do cangaço no passado, que é resguardada em suas páginas.

Podemos citar as obras de José Lins do Rêgo, *Pedra Bonita*, (1938), *Cangaceiros* (1953), João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas* (1956), Maria Isaura Pereira de Queiroz, *História do Cangaço* (1991), Frederico Pernambucano de Mello, *Guerreiros do Sol* (1985), Anildomá Willans de Sousa, *Lampião, Nem Herói, Nem Bandido, a História* (1962), Rui Facó, *Cangaceiros e Fanáticos* (1963) e dentre tantos outros que tratam do cangaço. Podemos citar também inúmeros filmes que debatem acerca da temática, dentre eles: *Lampião, O Rei do Cangaço* (1937), de Benjamim Abraham; *A Morte Comanda o Cangaço* (1961), de José William da Silva; *Jesuino Brilhante, O Cangaceiro* (1972), de William Cobbett; *Deus e o diabo na terra do Sol* (1964), de Glauber Rocha. Podemos contemplar também as esculturas de Mestre Vitalino, como popularmente é conhecido, por suas esculturas que contribuiu para que o cangaço se tornasse uma temática obrigatória no artesanato brasileiro.



Cangaceiro a cavalo, Cerâmica policromada de autoria do Mestre Vitalino.⁵

Sem dúvida encontramos uma vasta produção acadêmica contemporânea sobre o cangaço e muitos destes trabalhos problematizam o cangaço a partir da literatura de cordel. Discutimos com pesquisadores como Marianne Weisebron em seu livro: *Historiografia do cangaço e estado atual da pesquisa sobre banditismo em nível nacional e internacional* (1996); Luiz Bernardo Pericás, tendo seu livro intitulado: *Os Cangaceiros: ensaio de interpretação histórica* (2010). Frederico Pernambucano Mello,

⁵ Acervo do Museu do Barro – Espaço Zé Caboclo, Caruaru, PE Disponível em: <http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/2010/11/este-blog-sera-inaugurado-com-uma.html>. Acesso em: 03/04/2017.

com *Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil* (2004); Eric Hobsbawm em seu livro: *Bandidos* (2010). Francisco Jacson Martins Vieira, na dissertação intitulada *A mitificação das figuras emblemáticas de Padre Cícero e Lampião através da Literatura de Cordel* (VIEIRA, 2012) busca compreender como seu deu a construção das figuras de um homem santo e de um mito, Padre Cícero e Lampião, respectivamente, levando em consideração que tais lembranças, recordações, os próprios mitos estão até hoje no imaginário das pessoas.

Já Peter de Góes Garcia, em sua dissertação *O Cangaço no cordel e a constituição de uma identidade regionalista pelo migrante nordestino, 1950 – 1980* (2015) tem como objetivo compreender a construção da imagem dos movimentos que aconteceram no Nordeste por parte daqueles nordestinos que se encontram na região Sudeste. Sendo assim, imagens, discursos, práticas, vem à tona na literatura de cordel, tendo como base a questão da migração para o Sudeste e como esses folhetos sobre o cangaço contribuem para a construção de uma identidade dos migrantes.

Ana Maria Alves Siqueira, na tese intitulada *O Cabeleira entre a tradição e o cientificismo: a construção do herói sertanejo e o projeto educacional de Franklin Távora* (2007) analisa o romance na perspectiva de compreender a figura que se legitima do cangaceiro como herói-vilão, além de sua estrutura de vida, que ora é baseada nos ensinamentos “bondosos” de sua mãe e que ora é alterado para a vivência com seu pai, influenciando a sua vida no crime.

Na dissertação *Nas trilhas do “Rei do Cangaço” e suas representações (1922 – 1927)*, Wescley Rodrigues Dutra (2011) buscar compreender a construção da identidade nordestina partindo das representações que foram criadas a partir do ícone do cangaço: Virgulino Ferreira da Silva, Lampião.

Sendo assim, podemos perceber que o cangaço está presente em muitos trabalhos acadêmicos e também nos cordéis. O cangaço é visto como um movimento criminoso, que amedronta regiões, assombra Estados, aterroriza o Nordeste. A ira e a força com que estavam os cangaceiros lutando no movimento, fazem com que se repercuta a nível estadual ou até mesmo regional, a problemática dos acontecimentos ocorridos. Por outro lado, diversos folhetos mostram os cangaceiros adentrando no céu,

onde há uma absolvição poética e criativa dos crimes praticados, quando se ressalta a justiça com as “próprias mãos”, a vingança social, a mitificação heróica do cangaceiro.

Em termos teóricos, apoiamos esta pesquisa na História Cultural, de modo especial nas articulações entre práticas e representações, tal como proposto com Roger Chartier. A representação assume um dos papéis essenciais da História Cultural, na qual “tem como objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 17). Vale salientar que Chartier atribui à representação do mundo social um “diagnóstico fundado na razão, [e que] são sempre determinados pelos interesses dos grupos que os forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza” (CHARTIER, 1990, p. 17). O que se representa, tem sentido, guarda relações semelhantes, significados e atributos que remetem ao oculto, o representado.

As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão (PESAVENTO, 2004, p. 41).

Eric Hobsbawm, em *A Invenção das Tradições* (1997), nos apresenta um conceito de tradição, afirmando ser as tradições oriundas de pensamentos antigos, histórias familiares, tradição cultural. E que na maioria das vezes se assemelham ou são consideradas antigas, quando em sua grande maioria são recentes, isso é, quando não são inventadas. As tradições inventadas são inventadas, construídas e institucionalizadas.

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente: uma continuidade de relação do passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWM, 1997. p. 09).

As tradições são práticas culturais que expressam gestos, hábitos, que partindo de uma história construída, elaborada, mantendo relação com o passado, próximo ou distante, e na medida em que se repete, se institucionaliza socialmente.

Segundo Hobsbawm, são reações ou situações que assumem a forma de referência a situação ocorrida, ou que estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória.

É importante destacar que tradição deve ser entendida diferencialmente de costume, nas sociedades ditas tradicionais. As tradições implicam em práticas de um passado distante ou próximo, que geralmente ocorre a repetição. Já o costume, tem como função de dar a determinada ação, a continuidade histórica. Um bom exemplo para esse termo é o uso de acessórios na qual os cangaceiros utilizam. A espingarda, a faca, o punhal, o revólver, são nada mais que objetos utilizados de costume na tradição da luta, da caça. Acrescenta ainda que o costume não pode ser tido como invariável. Ele faz jus a tradição. Se há costumes no cangaço, tais devem ser associados as práticas tradicionais já existentes. “Consideremos que a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição de repetição” (HOBSBAWM, 1997. p. 12). As tradições surgem então, no intuito de difundir, guardar, reproduzir práticas, e transmitir para o futuro, próximo ou distante, as ações que eram realizadas no passado. As tradições surgem quando ocorrem transformações na sociedade. As tradições, segundo o autor, podem ser consideradas como “novas”, quando por incapacidade de utilizar ou adaptar as “velhas”.

Em seu livro sobre *“O que é história cultural”*, Peter Burke (2008) nos chama atenção para as tradições compartilhadas. Trata-se de uma questão interna (uma possível renovação da história cultural) e uma questão externa (uma virada cultural – abrangência de outras a serem enquadradas como história cultural). E é nesse aspecto na qual o cangaço, que foi um fenômeno vivenciado no Brasil entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, se enquadra. Cada vez mais abordado, estudado, sempre que problematizado, pode ser tido como uma representação cultural de tradições, que tenta manter viva uma chama que, para muitos, possui uma importância simbólica, sentimental e imagética.

Sendo assim, dividimos o trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo abordaremos como os primeiros folhetos narram os acontecimentos em torno do cangaço a partir dos folhetos de Leandro Gomes de Barros, João Melquíades Ferreira da

Silva, Francisco das Chagas Batista, José Camelo de Melo Resende. Estes poetas foram contemporâneos dos acontecimentos e noticiam as prisões, os crimes, as versões produzidas pela memória popular sobre os cangaceiros, temas que se repetem nos folhetos escritos posteriormente. Esta primeira geração acompanha o cangaço e narra as iniciativas do Governo Federal e dos Estados para debelar o movimento. Os folhetos produzidos entre as décadas de 1910 e 1930 acompanham o cangaço até a morte de seus principais representantes, especialmente, a morte de Lampião em 1938.

No segundo capítulo acompanharemos as representações elaboradas acerca do cangaço após a morte de seus principais atores. Neste sentido, reunimos os folhetos que fazem associações entre as figuras do cangaço e do Diabo, cujos acontecimentos se desenrolam no inferno. Adentramos o capítulo com a obra de Elias Alves de Carvalho intitulada *A morte de Lampião* (1984). A chegada de Lampião no inferno, as proezas feitas por ele no inferno, assim como também, o “barulho” que fez Lampião e o encontro com Antônio Silvino, são discutidas a partir dos cordéis de José Pacheco, José Costa Leite e Rodolfo Coelho Cavalcante. Vale lembrar que nos folhetos reunidos neste capítulo há predominam representações negativas por parte dos escritores em relação a cangaço. A maneira como os cordelistas se opõem ao cangaço é colocando os cangaceiros no inferno.

No último capítulo discutiremos as análises feitas de cordéis dos seguintes autores: José Pacheco, Minelvino Francisco e Raimundo Silva, tidos como cordelistas da segunda e terceira geração, e que discorrem a partir da morte de Lampião, 1938, até os dias atuais. A chegada de Lampião no céu e o encontro com figuras religiosas como São Pedro, Padre Cícero e Frei Damião são apresentados nesse capítulo. Ao contrário do capítulo anterior, onde há uma exaltação negativa acerca do movimento, nesse último capítulo evidenciaremos as representações que positivam o movimento através da elevação dos cangaceiros até o reino celeste.

1. O CANGAÇO NA TERRA

Leitores, eu vou contar-vos
 A minha biografia
 Contar-vos que eu outrora
 Não fui quem sou hoje em dia:
 Fui um homem mui pacato,
 E sou uma fera bravia.

Da minha vida de crimes
 Nada vos ocultarei,
 Tudo quanto tenho feito,
 Vos juro que contarei:
 Quero que o mundo saiba
 Quem fui, quem sou, quem serei.
 (BATISTA, s.d., p.7)⁶

1.1. A narrativa nos folhetos contemporâneos do cangaço

A cultura faz parte de um cenário repleto de manifestações que fazem parte do cotidiano de um povo, costumes e valores que são passados de geração em geração, que dão fôlego à memória das pessoas a partir de uma de suas mais importantes expressões culturais, a literatura popular. No Brasil, aquilo que conhecemos hoje por cordel, chegou por meio dos colonizadores portugueses, em folhas soltas ou até mesmo em manuscritos. Após muito tempo foi que com o surgimento das pequenas tipografias, no final do século XIX, a literatura de cordel surgiu e se fixou predominantemente no Nordeste, passando a fazer parte da cultura regional (MELO, 2010).

De acordo com Larissa Amaral Teixeira (2008), depois do cordel escrito no final do século XVIII, foi que houve o registro no final do século XIX das primeiras impressões de folhetos de cordel. O grande precursor deste movimento foi o poeta Leandro Gomes de Barros; não há provas mais precisas de quando foi impresso o

⁶ BATISTA, Francisco das Chagas. **A história de Antônio Silvino**. Recife: Imprensa Industrial, s.d.

primeiro folheto no Brasil, mas todos os estudiosos apontam que é possível que na última década do século XIX tenha se constituído as primeiras impressões no Brasil. Os folhetos são impressos em número de páginas múltiplo de 4, logo existem cordéis de 4, 8, 16, 32 e até de 48 e 64 páginas. Os cordéis de oito páginas eram conhecidos por folheto; os de 16 páginas eram chamados de romances e se referiam a assuntos amorosos ou trágicos. Àqueles de 32 páginas ou mais eram chamados de histórias.

É importante destacar que o cordel é uma literatura que, embora utilize a linguagem formal apresenta uma linguagem mais voltada para a perfeição da métrica e da rima. É possível encontrarmos na leitura dos cordéis citações de provérbios, trava-línguas, expressões populares, equivalentes à forma de falar ou de cantar. Apesar de possuir uma liberdade poética, o cordelista tem que seguir um sistema de rimas, ritmos e todo um discurso que faz parte da performance oral, isso ocorre por que os textos fazem parte de um modo de pensar marcado pela oralidade.

O cordel tem características tanto populares com folclóricas, ou seja, é um meio impresso, com autoridade designada, consumido por um número expressivo de leitores numa área geográfica ampla, enquanto exhibe métricas, temas e *performance* da tradição oral. Além disso, conta com a participação direta do público. (...) É caracterizado como meio híbrido: popular em termos de produção, disseminação e consumo, e folclórico, no pensar dos seus poetas tradicionais e do público (CURRAN *apud* VIEIRA, 2012, p. 11).

O autor acima considera que os poemas de cordel e, de modo especial, os que são usados na pesquisa histórica, representam memórias, documentos e registros dos acontecimentos que devem ser problematizados pelos historiadores.

Na Literatura de Cordel, a construção do herói popular é efetivada por uma narrativa, uma história contada e imaginada na qual o mundo, em seu espaço e tempo, podemos dizer, é um mundo mítico, produzido por inúmeras vozes, culturalmente caracterizadas pelo diálogo entre aquilo que o povo conhece, que está acostumado a ler, a ouvir e a novidade introduzida pelo poeta visando agradar ao leitor que, exerce forte participação na obra como reprodutor do contado e/ou colaborador (VIEIRA, 2012, p. 13).

Ivone Maya, na dissertação intitulada *O poeta de cordel e a Primeira República: a voz visível do popular* (2006) estabelece uma distinção muito clara entre o texto poético do cordel e o trabalho do historiador:

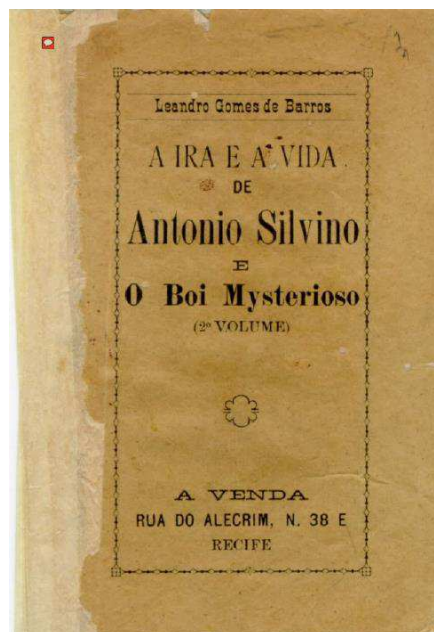
Ao poeta caberia recolher no cotidiano, isto é, nos fatos e nos feitos, o material ou a matéria-prima que lhe servirá de fonte para a fabulação e assim constituir a narrativa dos acontecimentos, sem se interessar em relatar as minúcias, visto que a forma de expressão – a poesia propriamente dita – é, na maioria das vezes, caracterizada pela síntese e as estrofes, o veículo por onde se destila a informação, prescindindo de uma seqüência lógica, podendo o autor, muitas vezes, saltar de um assunto a outro com grande liberdade. Diferentemente do historiador, que opera com o encadeamento e uma certa sucessão cronológica dos fatos para traçar/retraçar o contexto em que ocorre determinado acontecimento (MAYA, 2006, p. 15)

Dessa forma, buscamos compreender como o cordel representa o cangaço. Para tal análise, recorreremos à análise dos cordéis de quatro autores: Leandro Gomes de Barros, João Melquíades Ferreira da Silva, Francisco das Chagas Batista, José Camelo de Melo Resende. Para este capítulo a pesquisa priorizou cordéis publicados na época do cangaço, ou seja, contemporâneos sobre o movimento. Debateremos com autores e cordéis que trataram do cangaço em paralelo ao movimento, e autores que escreveram logo após a morte do popular “Rei do cangaço”

1.2. A ira e a vida de Antônio Silvino⁷

Os primeiros folhetos acerca do cangaço produzidos no Brasil versam sobre Jesuíno Brilhante e Antônio Silvino. Na coleção de obras raras da cordeloteca da Casa de Rui Barbosa é possível encontrar quatorze folhetos escritos sobre o cangaço de autoria de Leandro Gomes de Barros, datados entre 1905 e 1918. O cordel que iremos analisar trata das indignações de Antônio Silvino e do próprio povo da Paraíba, quanto às questões políticas e as eleições para governo do Estado. O autor apresenta cenas de movimentos e descontentamentos nas quais Antônio Silvino intercede e luta pelo povo. É provável que este tenha sido um dos primeiros títulos sobre o cangaço, pois a ausência de imagem na capa indica que se trata de um folheto publicado no início da década de 1910 quando os cordéis não eram ilustrados.

⁷ BARROS, Leandro Gomes de. **A ira e a vida de Antônio Silvino**. Recife: edição do autor, s.d. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa. Acesso em: 04/04/2017.



Capa do cordel *A Ira e a vida de Antônio Silvino* (BARROS, s.d)

De acordo com pesquisa realizada na Fundação Joaquim Nabuco sobre a biografia do cangaceiro Antônio Silvino⁸ é possível saber que Antônio Silvino tem como nome de batismo Manoel Batista de Moraes. Nasceu no dia 2 de novembro de 1875 em Afogados da Ingazeira, Pernambuco. Era filho de Francisco Batista de Moraes e de Balbina Pereira de Moraes. Na juventude, ficou conhecido como Batistinha (ou Nezinho). Batistinha possuía um tio chamado Silvino Aires Cavalcanti de Albuquerque que, após ter brigado com os partidários do General Dantas Barreto (governador de Pernambuco), decidira organizar um bando e, desde então, vivia espalhando o terror pelos sertões adentro. Desse grupo de Silvino Aires Cavalcanti de Albuquerque faziam parte: Luís Mansidão e o seu irmão, Isidoro, Chico Lima, João Duda, Antônio Piúta e, posteriormente, os seus sobrinhos Zeferino e Manoel Batista de Moraes (Batistinha). Silvino Aires vivia fugindo do cerco da polícia, mas foi preso enquanto dormia, pelo Capitão Abílio Novais em Custódia, Pernambuco. Com a prisão do tio, Batistinha assumiu o comando do grupo e mudou seu nome para Antônio Silvino.

A partir daí, passou a ser conhecido como “Rifle de Ouro”. Atuando antes da chegada de Lampião, ele representou o mais famoso chefe de cangaço, substituindo

⁸ Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=329. Acesso em: 04/04/2017.

cangaceiros célebres como Jesuíno Brilhante, Adolfo Meia-Noite, Preto, Moita Brava, Silvino Aires e o próprio pai - Francisco Batista de Moraes (conhecido como Batistão).

No cordel *A Ira e a vida de Antônio Silvino*, Leandro Gomes de Barros apresenta Antônio Silvino como intercessor, como aquela pessoa em quem o homem se pode valer. O movimento é representado como forma de auxílio, dando suporte ao homem nas horas e momentos de necessidade. O autor destaca:

O forte bate no fraco
 O grande no pequenino,
 Um valhe-se do governo
 Outro de Antonio Silvino,
 O rifle ali não esfria
 Sacristão não larga o sino. (BARROS, s.d., p. 01)

Sendo assim, subtende-se que o cangaço era um meio em que as pessoas procuravam pensando em ter alguma garantia de segurança. Na medida em que a segurança lhes era duvidosa, um dos meios mais práticos e até mesmo mais seguros era a intercessão dos cangaceiros em prol da vida das pessoas das comunidades. O auxílio, a ajuda ao povo surge então com uma nova roupagem, com novos significados. Um movimento que, também, atua em função do povo e das necessidades de cada homem. Essa intercessão, essa mediação também pode ser percebida, quando o poeta se apropria de uma imagem de homem valente para persuadir as outras pessoas, no tocante às questões e interesses políticos locais.

Antonio Silvino disse
 Eu não aliso a ninguém
 Se Rego Barros perder
 A coisa aqui não vai bem
 Em pilão que eu pisar milho
 Pinto não come xerém.

Do Pombal até Campina
 Não houve um só eleitor,
 Que eu não fosse a casa dele
 Pedir-lhe com muito amor
 Que votasse em Rego Barros
 Para ser governador. (BARROS, s.d., p. 02).

Vimos que, a figura do cabra macho é utilizada com outros propósitos. Estes agora políticos, com intenções de beneficiar outra pessoa. Subtende-se é que alguns se

deixem levar pelo medo e temam encarar a realidade dos fatos. As pessoas são induzidas a votar em determinado candidato a partir dos pedidos do cangaceiro.

Francisco Jacson Martins em seus estudos sobre as figuras de Lampião e Padre Cícero na literatura de cordel destaca que é:

(...) tentativa de criar a personalidade do nordestino que surge a imagem do cabra macho, do protetor, do mito que é tão representada pelos cordéis através das figuras de Lampião e Pe. Cícero. Aliás, os cordéis serão os principais órgãos de divulgação e formação da personalidade, da fisionomia do nordestino, como sendo um *cabra-macho...*” (VIEIRA, 2012, p. 32).

Uma forte ligação é perceptível entre o movimento do cangaço e as políticas locais. Apoio era dado, alianças firmadas, tratos realizados. Promessas desfeitas? Não se pode esperar coisas boas.

Pois queimei-lhe dessa vez
Tudo quanto em casa havia
Atirei até em gato
Que amedrontado corria
De trastes ficaram inteiros
Um pote e uma bacia (BARROS, s.d., p. 07).

Sendo assim, notamos a ligação existente entre ambas as partes e tais ocorrências acontecidas posterior descumprimento de acordos. Brigas, tiroteio, assassinato, incêndios e entre outras formas de vingança sobre aqueles que não honrassem com a sua palavra, que não cumprissem os acordos com o cangaceiro. Percebemos em outra parte do cordel a forma como o movimento se impôs diante da atuação do Governo Federal e suas ações políticas.

Agora mandei dizer
Ao governo federal
Que anulasse as eleições
Se não o norte ia mal
A Paraíba ficava
Sem governo estadual. (BARROS, s.d., p. 07)

A ameaça é que, com a perda do apoio o governo estadual no qual o movimento está em ocorrência, fique desamparado por parte dos cangaceiros, que dariam suporte no tocante a impor questões de ordem à população.

Fica o Estado deserto
Sem governo estadual
Pode ficar um ou outro

Soldado municipal
 Quem quiser que faça queixa
 Ao governo federal. (BARROS, s.d., p. 07).

1.3. História completa de Antônio Silvino: sua vida de crimes e seu julgamento⁹

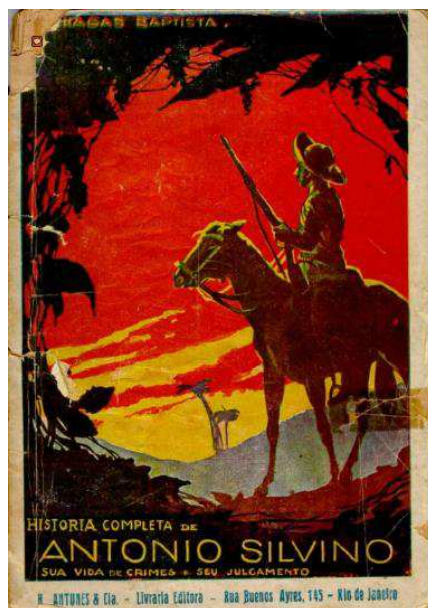
Neste cordel, publicado em 1907, Francisco das Chagas Batista¹⁰ traz à tona a representação de Antônio Silvino como aquele que além de malfeitor, assassino, ladrão, também está disposto a ajudar, a fazer concessões, a se doar. Portanto, o autor traz associações muito ambíguas acerca do cangaceiro. Momentos diversos podem ser apreciados nesse folheto de literatura popular. O autor toma o lugar do cangaceiro em debate e acaba narrando o texto em primeira pessoa. O autor apresenta o cangaceiro que tem como profissão a “arte de matar”.

Estava eu na guarda local
 Quando um doutor me chamou
 E me disse: - Amigo Antonio,
 Minha esposa me deixou
 E se você for buscá-la
 Seis contos de réis lhe dou (BATISTA, 1907, p. 08).

Vemos então que tal ação é solicitada e ao mesmo tempo algo em troca é oferecido. O cangaço é representado como uma troca de favores, seja ela recompensada ou não. Nessas buscas, já se aguarda o conflito. É imprescindível que não o aconteça. Vidas são tiradas e a vingança vira realidade. Inicia-se um novo conflito e a vida segue sem pausar, sem trégua, sem dó nem piedade. Uma briga puxa outra, a morte traz a “guerra”, causando mais confusão neste espaço de vida e luta pela sobrevivência, no mundo do cangaço.

9 BATISTA, Francisco das Chagas. **História completa de Antônio Silvino: sua vida de crimes e seu julgamento**. Recife, 1907.

10 Francisco das Chagas Batista nasceu na Vila do Teixeira, Paraíba, 1882 e faleceu na capital do Estado da Paraíba em 1930. Em 1902 escreveu seu primeiro folheto intitulado Saudades do sertão. Mudou para Recife, onde frequentou seminário católico; depois trabalhou na ferrovia de Alagoa Grande. Em 1907, pioneiramente, versejou o romance *Quo vadis* em 1909, residiu em Guarabira, onde trabalhou com o irmão, o editor Pedro Batista. Foi por décadas proprietário da Tipografia Popular Editora, especializada na impressão de cordéis na cidade da Parahyba (João Pessoa). É pai do folclorista Sebastião Nunes Batista e de Maria das Neves, a primeira mulher a escrever cordéis no Brasil. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/FranciscoChagas/franciscoChagas_biografia.html. Acesso em: 05/04/2017.



Capa do cordel *História completa de Antônio Silvino: sua vida de crimes e seu julgamento*¹¹

Podemos perceber também que uma cadeia de relações pessoais se construía na medida em que um simples pedido era realizado. Um pedido pode se tornar um conflito, gerando tragédias, mortes e outros conflitos que não findavam com facilidade. Um pedido também pode gerar alianças políticas, proteção. O cordel de Francisco das Chagas Batista nos permite interpretar ainda, que tamanha era a vontade de capturar cangaceiros, que os policiais da Paraíba e Pernambuco se uniram, em propósito único. Se organizavam e atacavam quando menos os cangaceiros esperavam, às vezes em maior número. Esperteza era ferramenta importante para o cangaço, e não é à toa que diversas vezes escapavam.

Em novecentos e dois,
Pelo Ingá ia passando,
Quando encontrei um enxerido
Que andava denunciando
De mim e meus companheiros
Sem mais nada o fui matando.

A 15 de fevereiro
De mil novecentos e três,
Em Figueiras, Pernambuco,
Vi pela primeira vez
A um meu perseguidor;
Matei-o com rapidez!!

¹¹ Edição publicada pela Editora Luzeiro, de São Paulo. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/>. Acesso em: 04/04/2017.

Esse meu perseguidor
 Era o subdelegado
 Francisco Antonio Cabral.
 Sendo homem precipitado
 Vivia-me perseguindo,
 Mas deles estou descansado.

Matei Marcos dos Pinhões
 No mesmo ano, não estou
 Lembrando agora em que mês:
 Ele a mim denunciou
 Por isso tirei-lhe a vida
 Que pouco, aliás, me custou!

Em Aroeiras matei
 Um pombeiro de primeira,
 (Era um tal de Severino)
 Que servia de << chaleira >>
 Fez uma vez a policia
 Dar-me uma boa carreira! (BATISTA, 1907, p. 13).

A saída encontrada, era “dar fim a este cabra”, que infelizmente vivia denunciando o cangaço, fazendo assim que mais conflitos ocorressem. Nada difícil era essa tarefa, o que mais os cangaceiros queriam, é que a polícia deles não soubessem, para evitar brigas e discussões. Mas quando isso chegava à tona, nada mais se evitava corriam, debandavam. Quanto às questões, dúvidas que surgem sobre a índole dos cangaceiros, se de fato agiam em favor do bem comum e da justiça, que só maltratavam, feriam, agrediam, quando com eles interferiam, vejamos:

Soltei em seguida os presos,
 E amarrei os soldados
 Que encontrei no lugar,
 Deixando-os encarregados
 Como eles não se opuseram,
 Não fiz mal aos encarregados.

Com os soldados na cadeia
 Deixei também o carcereiro;
 Dirigi-me ao delegado;
 Que me deu algum dinheiro;
 Procurou logo imitá-lo
 Um distinto cavalheiro. (BATISTA, 1907, p. 14)

Notamos então, que o cordel representa tais atitudes de justiça e vingança, e só eram praticadas quando aos cangaceiros praticasse alguma ação de malfeitoria. Os mesmos não atacavam sem razão ou motivo. Suas ações ficam claras, que, partindo

dessa representação, as figuras relacionadas ao movimento do cangaço agiam em favor e benefício próprio, em prol de sua paz, justiça e acima de tudo, proteção. A vida é um bem, que os mesmos prezam e zelam.

Em alguns povoados já visitados, as cangaceiros dispunham de grande fama, seja ela de bons homens ou então de vilões, vingadores e entre outros. No entanto, vale destacar que, em alguns vilarejos as pessoas não se opunham aos cangaceiros, por temerem suas atitudes. Respeito e cuidados eram ferramentas importantes para acolherem os que chegavam em suas residências.

Em seguida retirei-me
Logo que fiz a cobrança
Contra mim ninguém se oppoz,
(Nunca vi gente tão mensa)
E entrei no dia seguinte
No povoado Esperança.

No povoado Esperança
Dois macacos eu prendi,
Como eles não se opuseram
Soltei-os, não os ofendi;
Então dois negociantes
Os impostos recebi. (BATISTA, 1907, p. 23)

Nota-se ainda que mais uma vez, o cangaço é representado em face de ações próprias e que, dependendo da situação é que se age com maldade, quando no caso, a maldade também é sofrida por eles. É importante destacar também, que em algumas ocasiões os cangaceiros eram bem recebidos em residências, famílias, vilas e até mesmo cidades; não pelo fator de os temerem, mas por simplesmente respeito, e porque não dizer, admiração.

Fui em Junho a Mamanguape
Aonde fui bem aceito;
Ali hospedei-me então
Na fazenda do prefeito;
Este deu-me um tratamento
Que me deixou satisfeito.

Pedi-me muito o prefeito
Para eu não ir á cidade;
Attendi o seu pedido
De muito boa vontade,
Pois com pessoa d'alli
Eu não tinha inimidade...

Então aos negociantes
Mandei logo um mensageiro
Com cartas minhas, pedindo
A todos algum dinheiro;
Mandaram-me o rico arame
Ninguém se fez de estradeiro.

Em conceição do Azevedo
A musica me visitou,
Dinheiro, bouqués e baile
O povo lá me ofertou;
E ainda há gente que diga
Que ao Rio Grande não vou?! (BATISTA, 1907, p. 42-46)

Nota-se portanto, que não era apenas o medo que impunha as famílias a tratar bem aos que comandavam o cangaço como movimento. Amizade também existia, além de respeito, e satisfação por estar recebendo em tal território figuras de tamanha importância. Muitos não pensavam duas vezes, e até mesmo oferendas mandavam-lhes dar, para reconhecer o seu valor e prestígio vos doar. O que muitos queriam eram, amizade, se promover e não ter qualquer problema com o cangaço.

Uma nova representação do cangaço surge meio à tantas faces. Há quem diga que estes homens são bons, e lutam em favor da sociedade, prezando a justiça, paz e honestidade. Alguns comparam os cangaceiros com o legado de Robin Hood, que tira dos ricos para dar aos pobres, fazendo jus a situação precária que se encontrava a população, muita sofrida, desse velho sertão.

Visitei todo o comércio,
Fiz muito bom apurado,
E vi que de muito povo
Eu me achava acompanhado.
Alguns pediam-me esmolas:
Então não me fiz rogado.

Uns quatrocentos mil réis
Com os pobres distribuí
Não serve isto pra minha alma
Porque está eu já perdi;
Mas serve pra os miseráveis
Que estavam nós e eu vesti. (BATISTA, 1907, p. 26).

Vemos então a figura de homens, que se colocam em favor dos mais necessitados, gerando discussões quanto ao modo de como são representados pelos cordelistas.

Também estive em Serrinha
Onde ordenei a um soldado
Que o imposto de barreira
Por ele ali arrecadado,
Fosse só pela metade
Aos sertanejos cobrado. (BATISTA, 1907, p. 41)

Percebe-se então, que a bondade vem-se à tona, é vista, e os cangaceiros pensavam também, principalmente, nos pobres que habitavam os sertões. A ajuda era dada da melhor forma possível, como se percebe no trecho acima. O movimento rouba dos ricos para dar aos pobres, também rouba dos pobres para se satisfazerem de bons hábitos. Não importa de quem se tira, o que se importa é que se ganhe. A maneira de conseguir pode ser roubo ou até mesmo o ato de pedir/impôr a quem se tem. O cangaço é representado com sede de vingança, em qualquer que seja a ação. Não importa se é vingança por justiça, ou por uma simples raiva. O que está em questão é a vontade dos cangaceiros. O medo, a pressão e principalmente a vontade de viver fazia com que as pessoas, sob pressão, ou não, se rendessem ao cangaceirismo. A vontade era de resistir, porém o maior desejo é de viver. A melhor saída? Para muitos era fazer o que se pedia. Para outros, melhor morrer do que a honra perder.

1.4. O combate de José Colatino e o Carranca do Piauí¹²

A história de José Colatino é marcada por disputas desde a adolescência, quando ainda jovem começa a demonstrar valentia; Colatino se mostra feroz e audacioso. Disputas vão surgindo e Colatino sofre. Seu desejo era de ser valente e mostrar isso ao povo. A realidade? Sempre apanhava nas suas confusões. O ponto alto do folheto é o encontro de Colatino com o Carranca do Piauí, que se dá quando o

¹² SILVA, João Melquíades Ferreira da. **Combate de José Colatino com o Carranca do Piauí**. Campina Grande, 1955. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/JoaoMelquiades/joaoMelquiades_biografia.html. Acesso em: 05/04/2017

O poeta João Melquíades Ferreira da Silva nasceu em Bananeiras, Paraíba em 1869 e faleceu em João Pessoa em 1933. Por este motivo este cordel está inserido no conjunto de folhetos de autores da primeira geração, embora a edição a que tivemos acesso é uma reimpressão de 1955.

mesmo decide ir embora a procura de alguém que “lhe dê raiva para poder se zangar”. Tal encontro faz uma “reviravolta” na vida de Colatino, mudando sua vida pra melhor e trazendo para si a sua amada.



Capa do cordel *O combate de José Colatino e o Carranca do Piauí* (SILVA, 1955) ¹³

Em cordel de João Melquíades Ferreira da Silva sobre *o Combate de José Colatino com o Carranca do Piauí* (1955), podemos compreender que, o cangaço podia ser escolha de vida. O autor deixa bem claro a escolha de José por uma vida tirana, em meio a problemas, lutas e conflitos. O autor deixa claro que João, já antes mesmo, e ainda muito novo, era tido como valente e “arrotava brabeza” por aí, aclamando-se meio ao povo. Era o desejo de ser reconhecido e aplaudido pelo povo que hora o cercava.

José apagou a luz
 Rasgou cartas de baralho
 Virou mêsa, quebrou louça
 Fazendo grande esbandalho
 Quis dar no dono da casa
 Para mostrar seu trabalho. (SILVA, 1955, p. 04)

A opção e a escolha da vida era própria, que o autor mesmo esclarece a necessidade com que tinha os que nessa vida estavam, de realizarem mal feitos para “mostrar trabalho”. Sendo assim, nesse tipo de vida, na qual escolheu José Colatino,

¹³ Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/>. Acesso em: 04/04/2017.

teve o mesmo que, muitas vezes ser jogado contra o destino e ao invés de cometer o crime com alguém ou algo assim, as atitudes e ações se voltavam contra ele próprio.

Nas suas atitudes José Colatino sofria prejuízos; ele as realizou porque era necessário. A vida ainda quase nada vivida era regada e protegida pela sua esposa, Chiquinha, que aconselhou José a sair do cangaço para preservar o casamento.

Chiquinha disse: - José
Tú vais te acomodar
Tú és ainda criança
Não sabes o que é brigar
Ou tú endireitas a vida
Ou morrer de apanhar

- Chiquinha eu vou agora
Sair no mundo a brigar
Eu quando vejo um barbado
Minha vontade é o matar
Só com sessenta processos
É quando eu posso voltar (SILVA, 1955, p. 06)

Crime e atrevimento são termos empregados neste cordel. Vale ressaltar que muitas vezes as pessoas se sentiam na obrigação de defender tal cangaceiro, mesmo sabendo de suas atitudes erradas. Porém, o que estava em jogo era a própria vida.

A riqueza dos fazendeiros
D'aqui ele tem tomado
Obriga os homens ricos
Lhe trabalhar alugado
As moças não casam mais
O povo vive assombrado. (SILVA, 1955, p. 10)

Na luta pela vida, na busca por viver mais, o desejo era comandar. O desejo por vingança sempre aumentava e sempre mais valente os homens ficavam, deixando a população mais obediente.

1.5.Uma das maiores proezas que Antônio Silvino fez no sertão pernambucano¹⁴

Veremos adiante, a história de uma “proeza” feita por Antônio Silvino. O mesmo que hora vivia em problemas, e esse que iremos conhecer, em favor dos mais

¹⁴ RESENDE, José Camelo de Melo. **Uma das maiores proezas que Antônio Silvino fez no sertão pernambucano.**

carentes. A ajuda em questão se dá a uma jovem moça, que a pedido do mesmo vai tratar de cuidar de um refeição, e finda conseguindo até casamento. Mariinha será a futura esposa de Cláudio, em um casamento arrumado, instigado pelo cangaceiro.



Capa do cordel *Um das maiores proezas que Antônio Silvino fez no sertão pernambucano*
¹⁵(RESENDE, s.d)

Em cordel de José Camelo de Melo¹⁶ vemos a figura de um “meigo” cangaceiro, que a dias vem na labuta do sertão, e se vê amedrontado pela fome que o consome. O autor representa o cangaceiro que, se mostra doce e meigo tendo em vista a sua carência de alimentação. Tendo caminhado pelo sertão, pega uma estrada errada e chega a uma residência, onde apenas uma moça estava, e tendo ele fome, pede-lhe a moça para lhe saciar a vontade:

Vendo a moça aquele homem
 Teve tão grande pavor
 Que o bordado lhe caiu
 E Silvino com amor
 Perguntou se ela assustou-se
 Ela disse: não senhor (RESENDE, s.d.. p. 02)

¹⁵ Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa Acesso em: 05/04/2017.

¹⁶ “José Camelo de Melo Resende nasceu em 1885, em Pilõesinhos, na época distrito de Guarabira (PB). No fim dos anos 1920, mete-se em complicações e foge para Rio Grande do Norte, onde se esconde por uns tempos. É nessa época que João Melquíades Ferreira da Silva publica na Paraíba, em seu nome, o romance *Pavão misterioso*, obra criada por José Camelo. Este denuncia o golpe, mas o romance continuaria a ser atribuído a João Melquíades.

No fim da vida, porém, quase octogenário, o poeta se deixa ganhar pela frustração e amargura, destruindo - segundo seus contemporâneos - umas cinquenta obras de sua autoria. Morreu em Rio Tinto (PB), em 1964, passando à posteridade como um dos maiores autores da literatura de cordel brasileira. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/JoseCamelo/joseCamelo_biografia.html. Acesso em: 05/04/2015.

Então Antonio Silvino
 Fitou-a dizendo assim
 - senhorita por bondade
 Faça um almoço pra mim
 Que eu pago-lhe a comida
 Que seja bôa ou ruim.

A moça lhe respondeu
 Com uma voz contristada
 - senhor eu sou muito pobre
 E em casa não tenho nada
 Que comer então por isso
 Espero ser desculpada

Antonio silvino disse
 Com uma voz de carinho
 - mocinha qualquer comida
 Dará para mim sozinho
 Uma batata me serve
 Ou por outra um feijãozinho (RESENDE, s.d., p. 02)

Vemos então, a figura de um cangaceiro temente ou então que se coloca “manso”, perante o encantamento ou a paixão pela moça. A doçura que o autor representa na figura do cangaceiro, homem de fibra e de coragem, está se enquadrando aos traços do homem maleável, que se encanta pela donzela. As expressões, gestos e palavreados são apresentados com traços de uma figura que vive encantada no mundo do amor, e que necessita de um incentivo para promover o próprio amor. Percebemos então, a figura de um cangaceiro amoroso, encantando pelas belezas da vida humana. O autor ainda chama destaque para a valentia, e até mesmo dá enfoque a figura de cabra valente e acima de tudo importante, prestigiosa, que se tinha na época.

A moça pegando a carta
 Ligeira se encaminhou
 Chegando a casa de Claudio
 A carta ela entregou
 Claudio quando leu a carta
 Muito amarelo ficou (RESENDE, s.d., p. 07).

A carta a qual o autor se refere trata-se de um bilhete escrito por Antônio Silvino para o comerciante do local, dando ordens ao dono do estabelecimento que vendesse fiado pra moça, que estava preparando, ou melhor, tendo preparar algo para o cangaceiro Antônio Silvino. Surge então a figura do homem mais valente, corajoso, cabra macho, que apenas com um simples bilhete consegue persuadir um homem de sua

terra, para conseguir o que quiser. A imagem de valente surge e mais uma representação é dada por José Camelo de Melo Resende, enquadrando assim, as perspectivas acerca do cangaço. A figura do cangaceiro é, respeitada, levada à sério. A rapidez e agilidade com que Cláudio, dono do comércio, realizava a tarefa de juntar o material solicitado na cartão, dá a entender que, muito respeito se tinha pelos cangaceiros, nesse caso Antônio Silvino, ao ponto de uma simples carta lhe representar muito bem. A imagem de valentia e justiceiro vem à tona. Na medida em que o dono de mercado não quis vender a moça fiado, fez com que a ira do cangaceiro aumentasse e formulasse assim uma questão a ser resolvida. Sem mais, Antônio Silvino faz uma visita ao dono do comércio:

Ela hoje veio aqui
 Como não trouxe dinheiro
 Você não lhe confiou
 Quinhentos réis de tempero
 E eu preciso lhe mostrar
 Que sou meio justiceiro

Você ou casa com ela
 Ou lhe incendeio esta venda
 Pois venho aqui fazer isto
 E não há quem lhe defenda
 E dentro de poucos dias
 Lhe incendeio a fazenda

A sua grande avareza
 Sua carinha a descobre
 Só olha pra quem tem
 E só considera o nobre
 Por isso é que não confia
 Coisa alguma a gente pobre (RESENDE, s.d., p. 14)

A bravura e fibra de cabra valente é perceptível nas palavras ditas pelo cangaceiro ao vendedor, expressando assim os seus sentimentos de justiça. O cangaceiro que busca e luta pelos direitos dos mais necessitados, neste caso a jovem que pra ele preparou a refeição. Sendo assim, o autor representa o cangaço em vários moldes, fazendo com que possamos compreender que o cangaceiro dispunha de vários temperamentos. Tudo era embasado e dependia também da ocasião. As ações eram reações dos atos cometidos no dia a dia. A saída pra muitos era cumprir a ordem do cangaceiro. Os que queriam continuar a vida, logo lhe diziam sim, não pensando duas vezes no que poderia resultar sua decisão. Caso o pedido do cangaceiro fosse negado,

muito poderia acontecer, independentemente de qual família se fosse. O que importava é que, as ordens fossem cumpridas.

Porém se você deixar
De fazer como lhe digo
Eu serei de hoje em diante
O seu maior inimigo
E enquanto a vida durar-me
Sua família persigo (RESENDE, s.d., p. 17)

Percebemos que há um leque de representações acerca do cangaço, homens valentes, destemidos, heróis ou vilões. O que nos chama atenção é o modo como os autores/cordelistas fazem uso do imaginário para compor seus versos. Podemos notar que há passagens que denotam para uma alusão ao que pudera ter sido.

Portanto, podemos concluir ao longo desse capítulo que, várias são as representações acerca do movimento, tendo em vista a período em que os folhetos de cordéis foram escritos. Tamanha era a capacidade de rerepresentar esses ícones da história do nordeste brasileiro. Figuras essas que hora eram vilãs, hora tidos como mocinhos, aqueles que buscam ajudar o próximo, aqueles que matam, que roubam, que doam aos mais necessitados. Vemos aí as variáveis formas de representar o movimento e conseqüentemente a isso, podemos perceber a ambigüidade dos escritores para descrever o movimento. Onde não há uma personalidade definida para o movimento e sim variáveis formas de poder viver em faces realidades da época.

Nas próximas páginas, veremos os questionamentos acerca das representações do cangaço que se criam posterior ao fim do movimento. Analisaremos autores que escrevem sobre o movimento a partir de segundas informações, sejam elas fontes orais, jornais e outros.

2. O CANGAÇO NO INFERNO

Leitor prossigo a história
 Que eu tinha interrompido
 Vou contar-te os novos crimes
 Que eu tenho cometido:
 Os que ainda não sabes
 E os que nos jornais tens lido.
 (BATISTA, 1908, p. 2)¹⁷

O fim estava se aproximando. Tendo vivido vários momentos por terra, bons e ruins, a emboscada para Lampião e o bando estava sendo armada. O cangaço começava a tomar rumo para se chegar ao fim. Trataremos ao longo desse capítulo, da chegada da morte para o cangaço e como os folhetos de cordel apresentaram, na época, a entrada dos cangaceiros em um espaço mítico e ficcional: o inferno. Objetivamos perceber como os poetas descrevem, narram, os acontecimentos e constroem versões que se consagram no imaginário popular. Tendo findado sua vida terrena, Virgulino Ferreira, Lampião, tenta uma nova “vida”. Nos folhetos é possível perceber como o cangaceiro parte para o inferno, tentando de todas as formas ingressar naquele local. Realiza grandes proezas com Satanás e gera grandes, vários, conflitos.

2.1. A morte de Lampião¹⁸

Em cordel de Elias Alves de Carvalho¹⁹ intitulado *A morte de Lampião* (1984), veremos uma trajetória de luta pela sobrevivência. Perseguições, fugas,

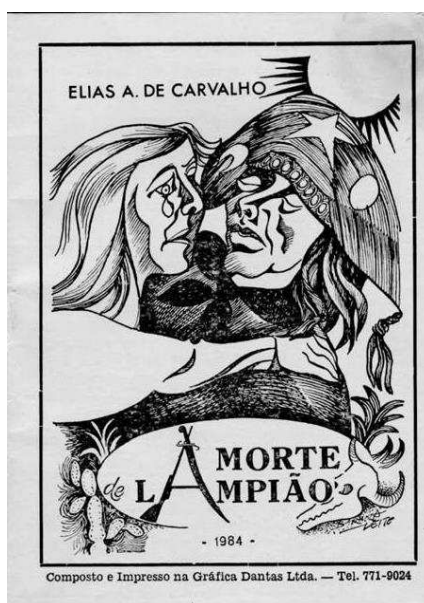
¹⁷ BATISTA, Francisco das Chagas. **A história de Antônio Silvino. Novos crimes**. Recife: Imprensa Industrial, 1908.

¹⁸ CARVALHO, Elias Alves de. **A morte de Lampião**. Petrópolis: Gráfica Dantas, 1984.

¹⁹ Elias Alves de Carvalho nasceu em Timbaúba, Pernambuco em 1918. Nos seus poemas costuma exaltar as qualidades positivas do seu Estado. Foi sanfoneiro, repentista, embolador, quando apresentou problemas vocais e teve que deixar a cantoria, se dedicando apenas ao cordel, dentre os mais vendidos estão “*O Brasil de Ponta a Ponta*” e “*Desafio de Mulher*”. Escreveu também os títulos “*Casa de Cultura São Saruê*” e “*Memória de poetas inesquecíveis*”. Em 1948 escreveu o romance “*Farrapo do Destino*” e em 1978 publicou “*O Congresso dos Poetas e os Atos de um Príncipe*”, folheto sobre o 1º Congresso dos Poetas da Literatura de Cordel. ”.

Disponível em: <https://memoriasdapoesiapopular.wordpress.com/2014/12/10/poeta-elias-alves-de-carvalho-sintese-biografica/>. Acesso em: 05/04/2017

emboscadas, armadilhas e outras formas de se capturarem os cangaceiros. O cordel trata da tentativa de sobrevivência dos que faziam parte do grupo de Lampião. O que mais se discute nesse cordel: a morte de Virgulino em 1938. O cangaceiro é o alvo do massacre que acontecera em Angicos. Sua vida, crimes, barbáries são destacadas no princípio, afim de que o leitor possa compreender, ao menos um pouco, de sua vida e história. Sua vida é retratada em momentos difíceis, como lutas, conflitos, busca por sobrevivência, garantia de vida, até chegar ao cangaço.



Capa do cordel *A morte de Lampião* (CARVALHO, 1984)²⁰

Muito tempo Virgulino
empenhou-se em sua caça,
destruindo-lhes parentes
em furiosa devassa
de ódio e de vingança,
para acabar sua raça.

Em vinte e seis, Lampião
foi ridicularizado
em Juazeiro do Norte,
pelo então deputado
doutor Bartolomeu Costa
a serviço do Estado. (CARVALHO, 1984, p. 07)

²⁰ Disponível na cordelteca do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Secao=65. Data de acesso: 05/04/2017.

É aqui que se pode perceber que a vida no cangaço começa a ganhar rumo. As fugas, as várias tentativas de não se envolver em movimentações, confusões, as investidas em se sobressair de problemas, ofuscadas pela vida tirana, daqueles que amedrontavam os sertões, fizeram com que o cangaço tomasse parte na vida de Virgulino. A morte, companheira no cotidiano dos cangaceiros, se encontra lado a lado, esperando o momento certo para atacar. Durante a vida de Lampião e seu bando, a morte acompanha-os dia a dia. Uma de suas grandes oportunidades foi representada pelo autor quando Lampião e seu bando decide atacar a cidade Mossoró.

Treze de Junho, três horas,
o sol queimava o sertão.
Lampião junto ao seu bando,
do alto da Conceição,
estudava Mossoró
para uma ousada invasão. (CARVALHO, 1984, p. 08)

O bando desceu o morro
para atacar a cidade
Lampião acreditava
na sua capacidade,
mesmo com a desvantagem
duma grande tempestade

Na entrada da cidade
o grupo foi rechaçado
pela força de defesa
Colchete foi baleado;
Jararaca ao socorrê-lo
foi mortalmente alvejado

Jararaca inda evadiu-se.
Colchete, já sem sentido,
teve seu corpo arrastado
pra ser em público exibido
com as orelhas cortadas
por um grupinho incontinido (CARVALHO, 1984, p. 09)

A desvantagem com que se encontrava o bando de Lampião, não amedrontou aos mesmos, fazendo com que a investida fosse realizada da mesma forma, porém com mais cuidado e temente ao que pudesse acontecer. A investida a cidade de Mossoró, foi mais que um simples ataque, foi uma investida perigosa e de alto risco. A morte de Jararaca, após ser baleado e jogado em sepultura, afastada dos demais cristãos, mostra a audácia e ferocidade com que se encontrava o destacamento de polícia de Mossoró.

Dois ou três dias depois,
 anunciava um jornal
 que o cabra tinha morrido
 na remoção pra Natal,
 em face de gravidade
 dum ferimento mortal.

só que na realidade,
 Jararaca foi levado
 para o cemitério onde
 Colchete estava enterrado,
 longe das covas cristãs,
 num matagal afastado.

A cova foi reaberta
 Jararaca ajoelhado
 recebe uma coronhada
 violenta de um soldado;
 antes de perder o tino
 foi por um outro sangrado. (CARVALHO, 1984, p. 11)

Nota-se que a brutalidade não se adivinha apenas por parte dos que compunham o movimento do cangaço. Tais agressões também são praticadas e/aplicadas pelas autoridades, os soldados de polícia. A morte rodeava os cangaceiros, particularmente e de forma mais assídua, no ataque a Mossoró.

Posterior a Mossoró, uma outra empreitada que se sucede foi a de Angicos. A morte trataria de tomar a vida de Virgulino, Maria Bonita e do bando de cangaceiros na gruta na qual descansavam. A emboscada é tramada, e Lampião é avisado. Porém muito valente, feroz e destemido, permanecem no local. Logo então se avistava o guerreiro fatal. A mando do capitão o grupo permanece na gruta de Angicos, sob mandos de que ao amanhecer, partiriam do local. O que o mesmo não sabe, é que ali, seria o seu final.

Se Lampião nessa hora
 não tivesse discordado
 do que disse Zé Sereno,
 vendo o bando ameaçado,
 não tinha perdido a chance
 do grupo ter escapado

Enquanto, em Vila de Pedra,
 a volante do tenente
 João Bezerra recebia
 Um aviso do agente
 Aniceto, que dizia:

<< Bois no pasto, venha urgente>>. (CARVALHO, 1984, p. 21)

Em conversa com o Maria Bonita, o cangaceiro Cila avista uma luz a piscar distante, e logo adverte Maria Bonita, que seria um vagalume, e assim mais uma vez, perdem a chance de escapar da temida volante. Junto ao bando, não comentaram do sinal. O bando despreparado, sem vigilância, se encontravam cada vez mais próximos do fim.

Lampião depois da reza
saiu da barraca e veio
tomar café no terreiro.
Zé Sereno, com receio,
manda o grupo se equipar.
Nisso irrompe o tiroteio.

Era o cerco da volante
atacando de surpresa.
Os soldados avançando
com precaução e destresa,
sem dar aos cangaceiros
uma chance de defesa. (CARVALHO, 1984, p. 07)

A luta foi travada e o desfecho aconteceu. Uma loucura acontecia na gruta de Angicos. Lampião e o bando foram encurralados. O cangaço em terra, para Virgulino Ferreira e seu bando, começa a ter fim. Desespero, corre-corre, gritos, clamores, uma luta infernal acontecia naquele momento. O autor destaca que mais se parecia com o caldeirão do inferno. Sem tempo pra fuga ou qualquer reação, os cangaceiros são mortos ainda na mesma posição.

Nem o terror da desgraça,
o rumor dos estampidos,
o pior triste da morte,
o sangue, o brado, os gemidos,
demovia aqueles praças
dos pertences dos bandidos. (CARVALHO, 1984, p. 26)

E uma das horas mais esperadas, era a morte do capitão. Virgulino foi atingido em várias partes e logo em sua ajuda veio Maria, para lhe dar a mão.

Quando tentava abraçar,
o amante já sem vida,
era também metralhada.
Foi duas vezes ferida,
na cabeça e na barriga.
Caiu gritando aturdida:

- Não me mate, eu me entrego.
 Por Deus, não me façam mal!
 O seu corpo foi desnudo,
 todo furado a punhal
 pelos próprios matadores
 ante um sadismo brutal. (CARVALHO, 1984, p. 27)

Chegando ao fim, a vida dos cangaceiros do bando de Lampião, a fase que se sucede, foi a do degolamento. As onze cabeças arrancadas como troféus do ataque, era motivo de alegria e satisfação para a volante que hora atacou o bando. Maria Bonita foi degolada ainda viva, sendo executada por ordens de João Bezerra em sua ação repressiva. Uma disputa agora era travada, por entre os “praças” da volante. Muitas joias, ouro, dinheiro. Uma briga por ganância se iniciava na gruta de Angicos.

Pelo chão, cascas de bala,
 chapéu, lenço, calendário,
 pente, cartas de baralho,
 farrapos de vestuário,
 páginas de livro em latim,
 compondo o quadro lendário.

Angicos mais parecia,
 destroços de um vendaval.
 O mal cheiro penetrante,
 o silêncio sepulcral,
 era um quadro muito além
 de um desfecho brutal.

Até o próprio inimigo
 se mostrava angustiado,
 sentindo medo ou remorso,
 apreensivo, assustado,
 se perguntando, talvez:
 Quem de nós, o mais errado?

Lampião pagou bem caro
 Pela atitude errada.
 Como a morte não bastasse,
 a cabeça foi cortada
 para encenar um museu
 De gente civilizada. (CARVALHO, 1984, p. 31)

A morte toma o lugar da vida, e o fim de Virgulino Ferreira, juntamente ao seu bando chega ao fim. Lutas inglórias foram travadas, na disputa por viver. Traços são deixados para traz, fazendo com que se perpetuem as lembranças, recordações e hoje, as representações. Ficam as lembranças de um cabra valente, feroz, que não se deu o braço a torcer, que não se entregou a volante e muito menos a morte. Uma figura que difundiu

a valentia e arrotava bravura. Enfim, o lampião de apagou! chegou ao fim. Morre por terra a figura do Cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva.

2.2 - A chegada de Lampião no inferno²¹



Capa do cordel *A chegada de Lampião no Inferno* (PACHECO, 1982)²²

O cordel em debate vem tratar da chegada de Lampião no Inferno. Visto por um terceiro, os integrantes do Inferno tomam ciência da sua chegada. Seu ingresso já é um problema. Chega causando confusão e ameaçando os que o “recepionam”. Sua nada bem vinda chegada inicia um tumulto e desordem no local. O “chefe”, da ordem para se organizarem e se preciso for, colocarem o homem pra correr. Sua passagem é rápida, e não se sabe ao certo onde o mesmo ficou ou está.

Nesse cordel o cangaceiro é tido como cabra valente, corajoso, é visto a partir de então como assombração, “malassombro”. O inferno com sua chegada é

²¹ PACHECO, José Pacheco. *A chegada de Lampião no inferno*. 3. ed. Juazeiro do Norte: Lira Nordestina, 1982.

Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=Cordel&PagFis=14577&Pesq=A%20chegada%20de%20Lampi%C3%A3o%20no%20inferno>. Data de acesso: 06/04/2017.

²² José Pacheco da Rocha nasceu no Município de Corrientes, em Pernambuco, em 1890. Viveu muitos anos em Maceió, Alagoas, vindo a falecer naquela cidade em 1954. Seus folhetos mais importantes são *História da princesa Rosamunda ou a morte do gigante* e *A chegada de Lampião no inferno*. As histórias de gracejos são um dos aspectos marcantes dos cordéis de José Pacheco, considerado um dos maiores cordelistas satíricos do Brasil. Mas o poeta se dedicou também a outros temas, como histórias de bichos, religião e romances.

Disponível em: http://www.casaruiarbarbosa.gov.br/cordel/JosePacheco/josePacheco_biografia.html. Acesso em: 05/04/2017.

descrito por tamanha confusão, bagunça e até incêndio. Lampião ganha então uma nova visão, o cangaço começa a ser descrito como novos termos. O homem valente que aterrorizava os sertões nordestinos, com muita euforia e valentia, fez muitas mortes acontecer e o inferno virar de ponta cabeça, porém é barrado e impedido.

E foi quem trouxe a notícia
 Que viu Lampião chegar
 O inferno nesse dia
 Faltou pouco virar
 Incendiou-se o mercado
 Morreu tanto cão queimado
 Que faz pena até contar (PACHECO, 1982, p. 02)

Sua valentia era a mesma, o cangaço assim é retratado. Porém nem todos o temiam, quanto a sua valentia, que chegam a enfrenta-lo, até mesmo com ousadia. O cangaço começou a ser enfrentado, até mesmo com euforia. Mesmo apresentando-se como “aquele que assombra o sertão”, a entrada do mesmo é impedida, e o movimento de certa forma é desmoralizado. A figura do cangaceiro não é mais tida como temerosa, onde na maioria das vezes se fazia o que os cangaceiros mandavam. O movimento começa a “dar de frente” com aqueles que se tem coragem de enfrentar, impondo-se e mostrando-se, também, sua valentia.

O vigia foi e disse
 A sataná no salão:
 Saiba a vossa senhoria
 Que aí chegou Lampião
 Dizendo que quer entrar
 E eu vim lhe perguntar
 Se dou-lhe ingresso ou não

- Não senhor! Satanás disse
 Vá dizer que vá embora
 Só me chega gente ruim
 Eu ando muito caipora
 Eu já estou com vontade
 De botar mais da metade
 Dos que tem qui pra fora

- Lampião é um bandido
 Ladrão de honestidade
 Só vem desorlizar
 A nossa propriedade
 E eu não vou procurar
 Sarna para me coçar
 Sem haver necessidade. (PACHECO, 1982, p. 04)

É vista como desnecessária, a presença do cangaceiro. Visto como ladrão de honestidade, desmoralizador, bandido e também de justiceiro. Sua entrada é “brecada”, e até mesmo no inferno a sua presença é indesejada. Sua presença, a partir de então era motivo de confusão e desordem, diferentemente do que vemos anteriormente, onde sua chegada era tratada com euforia e para muitos, tratado com muita importância.

Podemos perceber também, os termos na qual o autor utilizava para descrever a figura que representa o movimento. “Lampião é um bandido”, “Ladrão de honestidade”, “só vem desorientar”. Dessa forma podemos concluir que, a representação que se tinha sobre os que compunham o cangaço, não era uma das melhores. Tratamos agora como indesejada. Não mais se importavam ou dava-se atenção a sua presença, ou ao que se dizia. O que mais se queria era distância. Lampião ou outro cangaceiro deveria manter distância do inferno, para não mais causar problemas. Não importa a figura, o cangaceiro, ou quem se representa. O importante naquele recinto era juntar tudo e todos, para impedir a entrada daquele cangaceiro, que a força, no inferno queria entrar.

Reuniu-se então toda a tropa, na luta pela investida da não entrada de lampião no inferno. O homem é ruim, mal e todos adjetivos podem lhe ser atribuídos, para que até mesmo no inferno, sua entrada fosse rejeitada. Nem mesmo Lúcifer, sua presença queria, movimentando todo o inferno contra sua chegada, reunia negros, entre homens e mulheres, e toda parafernália, para impedir quem um dia reinou, foi querido, e hoje é temido até mesmo no inferno. Toda tropa se uniu em um único objetivo. Botaram Lampião pra correr, e esse nem no inferno entrou. Todo mundo em conjunto, com armas de fogo e demais artilharia, usaram suas forças contra aquele cabra que um dia, aterrorizou os sertões, espalhando valentia.

Quando Lampião deu fé
 Da tropa negra encostada
 Disse: só na Abissínia
 Oh! Tropa preta danada!
 O chefe do batalhão
 Gritou de armas na mão;
 - Toca-lhe fogo, negrada!

Nessa voz ouviu-se tiros
 Que só pipoca no caco
 Lampião pulava tanto
 Que parecia um macaco

Tinha um negro nesse meio
 Que durante um tiroteio
 Brigou tomando tabaco. (PACHECO, 1982, p. 06)

De todas as formas e maneiras, lutavam contra o cangaceiro. Sua chegada era mais indesejada do que tudo.

Houve grande prejuízo
 No inferno nesse dia
 Queimou-se todo dinheiro
 Que satanás possuía
 Queimou-se o livro de pontos
 Perdeu-se vinte mil contos
 Somente em mercadoria. (PACHECO, 1982, p. 08)

Houve além de confusão, um prejuízo nessa batalha. A investida contra lampião também teve custos, envolvendo todos os agregados do inferno, e Lúcifer. A luta contra a entrada do mesmo movimentou e mobilizou a todos. O homem era presença indesejada, e disso não se pode discordar.

2.3. Lampião fazendo o Diabo chocar um ovo ²³



Capa do Cordel *Lampião fazendo o Diabo chocar um ovo* (LEITE, S.D)

²³ LEITE, José Costa: **Lampião fazendo o Diabo chocar um ovo**. Condado: A voz da poesia nordestina, s.d. Disponível em <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=Cordel&PagFis=14577&Pesq=A%20chegada%20de%20Lampião%20no%20inferno>. Data de acesso: 05/04/2017.

Tal cordel vem tratar da figura do cangaceiro que faz o diabo chocar um ovo. Tido como uma figura que transmitia medo, e como aterrorizante, as famílias, e principalmente os pais, resguardavam suas filhas com receio que os cangaceiros as tomassem de si. O ponto alto desse folheto é o momento em que as figuras se encontram e inicia-se uma discussão. Por fim, é importante destacar que mesmo Lampião sendo cangaceiro e o cão sendo o Diabo, o cangaceiro “doma” Satanás, mostrando-se mais uma vez a figura que é e como foi representado: valente, destemido, corajoso.

É importante destacar a importância que teve José Costa Leite²⁴, para a história das representações do cangaço na literatura de Cordel. Sendo ele uma figura relevante, deixa um legado de grande valia para aqueles que se debruçam nos folhetos para analisarem, estudarem o movimento, como também outras temáticas. Vale destacar aqui, os cordéis que escreveu voltando seus pensamentos para o movimento: *Briga de Antônio Silvino com Lampião no inferno*; *Casamento de Lampião com a filha do Satanaz*; *Encontro de Lampião com a negra dum peito só*; *Encontro de Lampião com Antônio Silvino*; *Lampião fazendo o diabo chocar um ovo*; *Neta do cangaceiro entre a espada e a cruz*; *Vida de Lampião e Maria Bonita*.²⁵

No cordel, intitulado *Lampião fazendo o diabo chocar um ovo*, que seria o ovo o motivo de maldição para Lampião, tendo em vista a sua perseguição as filhas mulheres do ovo por onde perpassava, e está, a maldição, foi uma forma encontrada para tentar afastar o cangaceiro das meninas sertanejas. E este não sendo besta, iniciou

²⁴ José Costa Leite nasceu em 27 de julho de 1927, em Sapé (Paraíba). Diz que nunca frequentou a escola, tendo aprendido a ler soletrando folhetos de cordel. Em 1938, muda-se com a família para Pernambuco, fixando residência em Condado, cidade onde mora até hoje. Ainda criança, trabalha nas plantações de cana-de-açúcar e faz seus primeiros versos imitando o cordel. Em 1947, começa a vender folhetos nas feiras do interior e, em 1949, publica seus primeiros títulos: *Eduardo e Alzira* e *Discussão de José Costa com Manuel Vicente*. Logo em seguida, improvisa-se xilógrafo, gravando na madeira a imagem que ilustra seu terceiro título, *O rapaz que virou bode*. Torna-se, assim, um profissional polivalente, exercendo todas as atividades ligadas à literatura popular: é poeta, editor, ilustrador e continua a vender folhetos, de feira em feira. Além das histórias em verso, publica anualmente o *Calendário Brasileiro*, almanaque astrológico de 16 páginas contendo diversos conselhos práticos, de grande sucesso junto ao público. Denomina sua folhetaria A Voz da Poesia Nordestina. Em 1976, recebe o Prêmio Leandro Gomes de Barros, da Universidade Regional do Nordeste (Campina Grande), pelo conjunto de sua obra, talvez a mais extensa da literatura de cordel brasileira, em número de títulos. As informações sobre José Costa Leite constam em entrevistas dadas a Everardo Ramos nos anos de 2000, 2005 e 2008. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/JoseCostaLeite/joseCostaLeite_biografia.html. Acesso em: 05/04/2017.

²⁵ Os cordéis citados são do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/JoseCostaLeite/joseCostaLeite_acervo.html. Acesso em: 06/04/2017

suas orações, inclusive a cabra preta; deu na cara de Satanás, e o obrigou a chocar o ovo. O autor chama atenção para algumas proezas de Lampião. Sendo elas a de mal feitor, cabra corajoso, herói na brigada e além desses poucos, foi lhe atribuído o ofício de matador.

Até Maria Bonita
 Ele tomou-a do marido
 Levou-a na vista dele
 E ele num canto escolhido
 Nem mesmo a boca ele abria
 Pois se falasse morria
 Pelo bando enfurecido. (LEITE, s.d., p. 01)

Analisando esse trecho percebemos que a figura do cangaceiro ladrão, que roubou até mesmo a mulher de outro, está impregnada no imaginário sobre Lampião. Aquele que rouba de muitos volta à tona, e passa a ser tratado por José Costa Leite, sendo umas das principais características dada pelo autor ao cangaceiro em destaque. O autor aponta que em vários estados brasileiros o cangaceiro fez perversidades. Furtos, massacres, selvagerias, matanças. Tido como forte e destemido, o cangaceiro vive feliz, em meio aos atos cometidos. O autor chama atenção ainda para as representações que lhe foram atribuídos, que eram os de forte, destemido, desumano e renitente, perverso, astuto e voraz, falso tirano e sagaz, e ainda por cima, um homem que bebia sangue de gente. A figura de ladrão persistente, ou assaltante, como se desejar. Lampião não é visto nesse cordel com piedade aos irmãos e amigos. Seu único objetivo era a vida pessoal e o benefício próprio. Tido como o terror dos sertões, principalmente por raptar as moças jovens dos vilarejos, o cangaceiro espalha dureza e clama valentia.

Devido aos seus atos
 Com seu coração nefasto
 Muitas velhas feiticeiras
 Só viviam no seu rasto
 Com macumba e bruxaria
 Trabalhando noite e dia
 Para tirá-lo do pasto.

Uma velha feiticeira
 Numa noite de inverno
 Fez um feitiço bem feito
 Contra a lei do Pai Eterno
 Pra Lampião enfeitado
 Ser um dia arrebatado
 Pr'as profundas do inferno. (LEITE, s.d., p. 03)

Tendo em vista seus atos, umas das alternativas possíveis para àqueles que viviam nos sertões, era ao serviço de bruxarias, macumbas e entre outras. Tais ações eram a formas de vingança dos pais e mães de famílias na qual Lampião roubasse sua filha.

Mas o diabo com o ovo
Disse a Lampião assim:
- Você vai ficar agora
Escravizado por mim
Lampião disse: Sujeito
Você perdeu o efeito
Porque ninguém me dá fim.

Disse o diabo: Lampião
Ninguém não lhe desenrasca
Vou dar em você agora
Você comigo se enrasca
O feitiço está bem feito
E hoje de todo jeito
O seu lombo larga a casca.

Lampião disse: Moleque
Pode convidar seu povo
Dei em você uma vez
E hoje vou dar de novo
Para você conhecer
Que sou macho, vou fazer
Você chocar este ovo. (LEITE, s.d., p. 05).

O homem valente toma coragem e se impõe contra Lúcifer, mostrando sua força, coragem e ousadia, afirmando o cangaceiro a ele, não dar fim. A figura do cabra macho volta à tona, dando mais personalidade a Lampião. A bravura é exposta, e tal prática é repetida. Traz à tona a surra que já tinha dado no cão, e promete-lhes provar sua brabeza, fazendo o mesmo chocar um ovo. Tal questão era motivo de orgulho e engrandecimento pessoal.

A brabeza é apresentada em disputa com o capeta. O medo vem à tona, mas a oração se faz presente, unindo assim suas forças, dando-lhe coragem para enfrentar o inimigo. Ficando submisso a oração, o cangaceiro valente, fez com que o diabo chocasse o ovo, posterior a oração realizada, sendo que aparentemente tal reza, fez ao cão, mal, deixando-o submisso ao cangaceiro. Jura de revolta é prometida, porém Lampião já lhe assegura que vingar tal fato, o capeta não irá conseguir.

O autor chama atenção para a fragilidade do cangaceiro que necessita da oração para que junto com suas forças ele possa enfrentar o cão miúdo, e também dá destaque à sua valentia, expressa na luta que o mesmo tem com Satanás. Tendo realizado tal ação, o cangaceiro ainda maltrata o capeta com um soco, e permanece no local por um longo período “pastorando-o”, para que o mesmo não fugisse de local.

Como o diabo chocou
Obrigado por Lampião
Sofreu muita humilhação
Teve dia que chorou
Até praga ele rogou
Lá num canto, acororado
E o ovo por ter gourado
Inda hoje está inteiro
Tanto que um feiticeiro
Está com ele guardado. FIM (LEITE, s.d., p. 08)

O autor destaca em fim de texto que, nem mediante tal figura o cangaço se rendia a tal situação. O cangaceiro é uma figura imponente, que meio a tantas ações, não pode se mostrar submissa a questões mundanas. Sua coragem é a força que faz com suas ações e atividades diárias acontecem no dia a dia do movimento.

2.4. A briga de Antônio Silvino com Lampião no inferno²⁶



Capa do cordel *A briga de Antônio Silvino com Lampião no inferno* (LEITE, 1972)

²⁶ Disponível em

<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=Cordel&PagFis=14577&Pesq=A%20chegada%20de%20Lampi%C3%A3o%20no%20inferno>. Data de acesso: 04/04/2017.

Em cordel de José Costa Leite, intitulado: *A briga de Antônio Silvino com Lampião no inferno* (1972), o autor chama atenção para a disputa ocorrida entre as duas figuras de renome no cangaço, homens valentes, ferozes, dificilmente até mesmo de dizer, qual dos dois o mais perigoso. Um embate está para acontecer para se mostrar valete e respeitado, era necessário ser o mais corajoso. Os dois grupos se preparam para um possível ataque entre os bandos. Uma luta de muito sangue, com muita confusão está para começar

Um assassino, feroz dos sertões, conhecido em todo nordeste como o desbravador de regiões. Já Silvino, que não ficava atrás, também figura de renome, guerreiro por justiça e paz, sua luta cresce a cada dia em busca de seus ideais. A fama de Virgulino já se era conhecida: mal feitor, assassino, confuseiro e entre outros. No inferno não foi diferente. Ao chegar, já se mete em confusão, briga com todos os diabos, com afincos de mostrar sua valentia. Botou todos pra correr, amedrontou muitos que lá estavam, e ganhou prestígio, medo por parte de alguns e ainda mais credibilidade.

A coragem, a vontade era tamanha, que chegou-se a fazer eleições, e Lampião ficou tido como o prefeito do inferno. A partir daí, as coisas pioravam; “arrotava bravura” mais ainda, mandava e desmandava, e ainda há quem diga, que benfeitorias ele fez. O próximo passou de Virgulino seria um casamento com a filha de Satanás. Já Antônio Silvino, o guerreiro por justiça, não tendo conseguir entrar no céu, dias após aparece pelo inferno, e lá encontra o capitão Virgulino, todo mandão, chefe de tudo e de todos. A disputa que hora se inicia, gera uma grande confusão, de um lado está Silvino, e do outro Lampião, o inferno fica tenso e se inicia a rebelião. Os cangaceiros se atacam, de forma brusca, sem dó nem piedade. A batalha estava travada, e vejamos no que vai dá:

Meteu-lhe o punhar no bucho
 porém Lampião saltou
 e passou-lhe uma rasteira
 mas Silvino se livrou
 e pra defender Lampião
 a diabaria encostou.

Satanás chegou zangado
 Com uma mão de pilão
 Silvino meteu-lhe o ferro
 em cima do coração
 e mais de 200 mil diabos

embocaram a questão.

Silvino via chegar
pedrada de todo lado
vinha diabo de vassoura
e de facão afiado
de faca, foice e cacête
mão de pilão e machado. (LEITE, 1972, p. 04)

A confusão estava armada, e a guerra acontecia. A discussão era tamanha, que todos se envolvia para ajudar o prefeito do inferno, Lampião, que muito esperto, esse mérito conseguiu. Os cangaceiros que hora disputam, não se dão conta da confusão, e só se preocupam como objetivos pessoais. Silvino chega a dizer que ao mesmo cargo queria concorrer, pra poder mostrar trabalho e ver o inferno se desenvolver. A confusão se torna pessoal, e os cangaceiros não medem esforços. Utilizam de toda as suas artimanhas para lutar entre si. Ambos já vindos do céu e rejeitados por são Pedro. A disputa agora, seria por território no inferno, e para isso se mostram dispostos a lutar, com todas as forças.

A confusão era tamanha, e deixa o autor bem claro, que o inferno pegou fogo e as muralhas desabaram, uns corriam com medo, outros morrem queimados e os que lá permaneciam, junto a Virgulino e a Silvino guerreavam. Porém, após muita confusão, briga, sangue pelo chão, Satanás consegue derrubar Silvino.

Pegaram Antônio Silvino
num rasga rasga danado
e cada qual que quisesse
vê-lo desmoralizado
era iguamente um pinto
pelos gaviões pegado. (LEITE, 1972, p. 06)

Estavam dispostos a matar Silvino. A ira e o ódio eram maiores que suas forças. Porém o mesmo teve sorte. A interseção dos anjos em seu favor amedrontou os diabos, que soltaram Silvino, e os anjos lhe retiraram do inferno. Entregaram ele a São Pedro, que posterior ao céu entrou, e segundo o autor, a partir daí se salvou.

2.5 - O barulho de Lampião no inferno

No cordel *O barulho de Lampião no Inferno* (1977), de Rodolfo Coelho Cavalcante²⁷ chama atenção para alguns mal feitos realizados por Lampião, destacando que o recinto neste dia “um inferno virou”, que até mesmo os que lá estavam, ninguém mesmo se salvou. O cordel vem tratar do momento da chegada de Lampião, quando passa a se estabelecer desordem e confusão. Mesmo sendo este impedido, o desejo do cangaceiro era de adentrar no espaço. Uma sérias de confusões e discussões foram travadas, chegando até mesmo a tocarem fogo no inferno. As disputas ao fim foram resolvidas. O cangaceiro já chega batendo forte no portão para intimidar o porteiro, que com jeito de menino, não faria medo a Lampião.



Capa do Cordel *O barulho de Lampião no inferno* (CAVALCANTI, 1977)²⁸

²⁷ Rodolfo Coelho Cavalcanti nasceu em Rio Largo (AL) em 1919. Em Parnaíba (PI), adquiriu folhetos do poeta e editor João Martins de Athayde para revender, começando assim sua vida de folheteiro. Instala-se em Salvador em 1945, firmando-se como defensor e líder da classe de poetas de cordel. Publica folheto dedicado ao governador Otávio Mangabeira, que libera poetas, cantadores e folheteiros da proibição de comercializarem seus produtos em praças públicas. Realizou na Bahia, em 1955, o I Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros. Fundou periódicos como *A Voz do Trovador*, *O Trovador e Brasil Poético*. Seus folhetos, em sua maioria, de oito páginas, com capas em xilogravuras ou clichês, eram confeccionados artesanalmente, com a ajuda dos filhos. Somente a impressão era feita em tipografias. Publica seus primeiros folhetos no final da década de 1940. Seu primeiro grande sucesso de vendas foi *A volta de Getúlio*, de 1950. Na *Prelúdio* (SP), os folhetos *ABC dos namorados*, *do Amor*, *do Beijo e da Dança* e *A Chegada de Lampião no Céu*, ambos em 1959. Morreu em 1986. Disponível em: http://www.casaruiarbosa.gov.br/cordel/RodolfoCoelho/rodolfoCoelho_biografia.html. Acesso em: 05/04/2017.

²⁸ Disponível em <http://www.casaruiarbosa.gov.br/cordel>. Data de acesso: 05/04/2017.

De acordo com o historiador Durval Muniz:

“as memórias ainda possuem um nível imaginativo em que operam a invenção, o desejo, a fantasia. A partir de fragmentos, de imagens e sensações experienciadas socialmente, somos capazes de inventar novas imagens e a partir de novos desejos e fantasias, novas sensações, incorporando-as inclusive na narrativa de nossas memórias como fatos socialmente ocorridos e sensações realmente vividas.” (ALBUQUERQUE. 1994, p. 45).

Dessa forma, podemos associar as ações que eram praticadas no cangaço, com as interpretações que trazemos à tona, para dar vida aos personagens, ou até mesmo associar e questionar o que foi vivido no passado próximo/distante. Logo, a receptividade não foi das melhores e logo de imediato o porteiro chama o chefe para atender ao cangaceiro que valentemente aparece, querendo botar banca e ordem no inferno.

Lampião disse: - Pois vá
Mas, vou lhe fazer ciente:
- eu quero que chegue antes
Que me sangue se es quente,
Se me zangar ninguém roga,
Toco fogo nesta droga
Quem for podre se arrebente

Numa carreira danada
Saiu dali o vigia,
Foi ao Satanás e disse:
- Saiba Vossa Senhoria
O que se passa por aqui,
Lampião está aí
Fazendo grande arrelia!

- Dos trompaços que ele deu
Quase que cae o salão
E disse: - Se eu não entrar
Vou botar tudo no chão!...
Por isso vim perguntar
Se vai deixar ele entrar...
Satanás respondeu: - NÃO!!!

Não vou deixar ele entrar
Que não sou nenhum menino,
Lampião é malfeitor,
Infame, vil e assassino,
Desonrador, bandoleiro
Além de ser desordeiro
É traidor e cretino (CAVALCANTI, 1977, p. 03)

Vendo esse trecho percebemos que a figura do cangaceiro ao chegar no inferno, não foi bem vindo, o diabo que o qualifica com os todos os piores adjetivos, não lhe acolhe, causando possivelmente um conflito. Se prepararam então, todos os integrantes. O vigia avisou que se não permitisse a sua entrada, a confusão estava armada. O cão não foi besta e armou a empreitada. Preparou de tudo um pouco, caso Virgulino se revoltasse e bancasse o valentão.

Quando a tropa reuniu-se
 Se dirigiu ao portão
 De pá, revolver, cacête,
 Fuzil, punhal e facão,
 Sem nenhum impedimento
 Naquele mesmo momento
 Atacaram Lampião. (CAVALCANTI, 1977, p. 05)

A luta foi então travada. Quando Lampião avistou a empreitada armada, começou o conflito, bala “voava”, peixeira passava e Lampião com seu punhal a todos espetava. Muitos corriam outros brigavam, e quem lampião avistasse, de furada ele acertava com seu punhal, arma faceira, a todos ele machucava. Lampião mesmo em minoria não abre mão de sua luta. Muitos são contra ele, mas arduamente na batalha continua. Não dá o braço a torcer, demonstrando assim poder, para Lúcifer e todos que no inferno se encontravam. O conflito continuava, até que então uma pedrada numa vidraça, fez com que Satanás avisasse que era hora de retirada. Tal ação espalhou fogo, queimando tudo que havia. Tendo tocado o sinal, os que brigavam saíram em retirada, e na oportunidade Lampião o mesmo fez.

Satanás disse consigo:
 - Agora estou derrotado
 Se esse fogo maldito
 Me queimar todo mercado,
 Não havendo bom inverno
 Garanto que meu inferno
 Agora está desgraçado! (CAVALCANTI, 1977, p. 06)

Estando o inferno arruinado, e Satanás derrotado, só restava-lhe a ira contra aquele que destruiu e arruinou o seu recinto. A desordem, bagunça e todo o conflito gerado por Lampião, causara raiva e muita angustia a Lúcifer, que arruinado lamentava.

Dessa forma, chegamos a concluir que, as representações acerca do cangaço, tido nesse novo espaço que hora foi construído e pensado, sendo o Inferno,

uma via, uma passagem, na qual o cangaço perpassou, criou, deu origem a uma nova visão sobre o movimento. Possibilitou uma visão mais superficial e mais fantasiosa acerca do movimento. Este que era obra vida nos anos 20 e 30, passa agora a cultivar o imaginário pessoal do homem, e nesse espaço que hora tratamos, chega vir à tona uma representação mítica. Originou-se uma representação com figuras que supostamente existe, como é o caso do Satanás, para deixar o cenário mais fictício.

O fato da presença do movimento está em um espaço, que hora podemos considerar negativo, se reforça os discursos de que o cangaço é um movimento de malfeitores, de bandidos, saqueadores e assassinos. Os termos mais populares, “de gente que não presta, de vagabundos e entre outros”, continuam a serem reproduzidos na sociedade. Sendo assim, as (ré)apresentações que fazem o movimento emergir de um novo lugar social, fazem com que surja novos olhares acerca do movimento. É possível pensar o cangaço de novas maneiras, com novos olhares.

No capítulo seguinte, trataremos do movimento em um novo espaço: o céu. Debateremos acerca das representações que foram criadas, imaginadas do cangaço em um espaço sagrado, religioso. Os cordéis utilizados são de escritores da contemporaneidade, de um passado próximo, mas que deixam claras as suas discussões acerca do tema.

3. O CANGAÇO NO CÉU

Neste último capítulo, discutiremos as representações em um novo espaço, denominado céu. Já tendo discutido sobre o movimento na Terra e no Inferno, restava concluir os estudos tratando do movimento no ultimo espaço que completa o ciclo dos objetos de estudo. O movimento além de suas façanhas, problemas, e questões problemáticas, como discussões, guerras, roubos, assassinatos e entre outros, detinha também ações tidas como favoráveis e/ou benéficas para a sociedade.

Algumas atitudes chegam a favorecer as camadas sociais mais pobres do nordeste. Logo, essas práticas dão suporte para que o movimento possa ser pensado nesse novo espaço, que podemos considerar como sagrado, dividido, e que o põe ao lado de figuras que representam a santidade, a divindade.

Sendo assim, discutiremos os cordéis de José Pacheco (1890-1954), Minelvino Francisco Silva (1926-1999), e Raimundo Silva, que vão tratar particularmente da chegada de Lampião ao Céu e do seu encontro com figuras religiosas, como: São Pedro, Padre Cícero e Frei Damião.

Ao voltarmos nossa atenção para os cordéis, observamos que os mesmos foram classificados em gerações. De modo especial, nos interessa neste capítulo, os cordéis da segunda geração, composta por cordelistas renomados, e como já víamos fazendo, trataremos adiante, de pensar como o cangaço foi visto, tratado, posterior ao seu fim.

3.1. A chegada de Lampião no Céu²⁹

O cordel de José Pacheco intitulado *A chegada de Lampião no céu* (1973) trata da chegada de lampião no reino celeste. A princípio o autor enfatiza que, para se ter certeza da morte do cangaceiro, o mesmo roda o mundo inteiro, sem deixar brechas, para tirar a certeza da morte de Lampião. O seu encontro com Lampião se dá graças a um velho ancião, que segundo o autor, vê o cangaceiro ser açoitado por São Pedro. Sua

²⁹ PACHECO, José. **A chegada de Lampião no céu**. Bezerros: s.ed., 1973. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel>. Data de acesso: 05/04/2017.

chegada não é aguardada e posteriormente quando esse já se encontra no portão principal, São Pedro pede pra o mesmo aguardar uns instantes. No caminho rumo ao portão, reclama de tal ofício, pelo fato de só receber aperreio em tal atividade.



Capa do cordel *A chegada de Lampião no Céu* (PACHECO, 1973)

A visita inesperada é vista por muitos outros santos, que ao chamado do porteiro responsável, São Pedro, todos veem em seu auxílio, para impedir a entrada do Cangaceiro. O autor destaca:

Abriu na frente o portão
 Ficou na trave escorado
 Branco da côr dum finado
 Quando avistou Lampião
 Mas cem a trave na mão
 Não temeu de lhe falar
 E disse: aqui não se dá
 Aposento a gente mau
 Se não quer entrar no pau
 Acho bom se retirar (PACHECO, 1973, p. 05)

Vendo a figura do cangaceiro, e aparentemente o temendo, o cangaceiro é barrado na porta de entrada do reino celeste, e este se mostra com vontade de brigar e disputar a sua entrada em tal recinto. Não mede palavras para se dirigir a São Pedro, não dando a mínima de importância a sua figura como porteiro e santo do Céu. Lampião é

tratado como rude e cabra destemido, valente e mais uma vez, com fama de desbravador. Uma luta é provocada pelo cangaceiro na investida de entrar no céu.

- É certo que fui bandido
Perverso, estrompa e voraz
Porém quem foi não é mais
É mesmo que não ter sido
Mesmo eu sou garantido
Por um provérbio que tenho
Escrito sobre um desenho
Por pessoas elevadas
O qual diz: “águas passadas
Não dão volta a meu engenho”

- Não quero articulação
Você aqui nada tem!
- É como você também;
Lhe respondeu Lampião;
É porque do seu patrão
Você transmite o mandado
Eu tenho visto empregado
Sair de trabalho expulso
Sem direção sem recurso
Por qualquer trabalho errado (PACHECO, 1973, p. 06)

A briga não ocorre e São Pedro questiona como pode se proceder a entrada de bandido no céu. Mais uma vez a figura do bandido vem-se à tona, lembrando a figura mais taxada que se tem do cangaço. Movimento que é tido como prática principal e envolvente do banditismo. Levando em consideração a sua atual forma em que se encontra, Lampião destaca que, já estando morto seu ofício de matador deve ser esquecido, e tais práticas também. O fato dele ter morrido, implica dizer que tais ações serão impossíveis de acontecer. E destaca o autor:

Ali falou S. Bernardo
Que também vinha chegando
Pedro você está brincando
Com este cabra safado?
Vá me chamar S. Ricardo
E S. Francisco da Penha
Diga a S. Tomé que venha
E chame S. Juvenal
Traga um pau do quintal
E uma lasca de lenha

S. Pedro ergueu-se nos pés
E disse de cara feia:
Pra dá num cabra de peia
Não precisa oito nem dez

E gritou por S. Moisés:
 Vamos dar no bandoleiro!
 Saltou no meio do terreiro
 Até preparando a faca
 Gritando; quebra uma estaca
 Arranca um pau do chiqueiro (PACHECO, 1973, p. 07)

A investida tomada por Lampião começa a ganhar proporção e todo reino celeste começa a tomar partido, juntos com São Pedro, vários outros santos se unem para impedir a entrada do cangaceiro no céu. Porém, São Pedro nega a ajuda dos seus amigos e afirma que para uma pisa nesse cabra, não se precisa de muita gente. Uma quantidade mínima é suficiente para botar o cangaceiro pra correr no oco do mundo.

Várias artilharias são preparadas pelos santos para uma possível investida contra Lampião. Faca, armas, estacas, pau de chiqueiro. Pelo visto, percebemos que a presença de Virgulino não é bem vinda e que a corte celeste está unida pra colocar pra correr esse cabra da peste.

Porém antes de pegar
 Desceu um grande curisco
 Jogador por S. Francisco
 Da porta do quinto andar
 Num tremendo rebombar
 Um trovão também desceu
 O espaço escureceu
 Veio um forte pé de vento
 Lampião neste momento
 Dali desapareceu. (PACHECO, 1973, p. 08)

Tendo em vista a grande organização no céu contra a entrada do camarada cangaceiro, eis que surge a representação do que podemos chamar de um cabra frouxo. Lampião se apropria da oportunidade na qual um trovão desce no momento da disputa, fazendo com o tempo mude e o espaço escureça, aproveitando assim, para fugir do recinto e deixando todos na curiosidade por saber onde estaria. O cangaceiro some e deixa implícito a figura de um cabra sem pulso, sem coragem, temente aos santos e aos seus correligionários.

3.2. O encontro de Lampião com Padre Cícero³⁰

O presente folheto foi escolhido para mostrar a figura de Lampião reconhecendo e aceitando a morte para si, na tentativa de conseguir o perdão de deus, pelos seus atos cometidos em terra, pelo intermédio e ajuda de seu padrinho, Padre Cícero. No decorrer do cordel, percebemos a nova posição tomada pelo cangaço, que dá uma nova visão sobre o movimento. Aquele que não mais, apenas, só pensa em maltratar, roubar; porém, está se adaptando ao novo meio que é o da reconciliação, do arrependimento, do perdão.



Capa do cordel *O encontro de Lampião com Padre Cícero no céu* (SILVA, 1980)³¹

De acordo com a pesquisa de Rosilene Melo (2010), podemos perceber a relação de Lampião com Padre Cícero quando o cangaceiro visitou a capital da fé, Juazeiro do Norte.

No dia quatro de março, por volta das dez horas da noite, espalhasse pela cidade a notícia da chegada do homem mais temido e procurado pela polícia em todos os recantos do Norte do Brasil: Virgulino Ferreira da Silva, “o Rei do Cangaço”. Na chegada foi recebido na entrada da cidade, com grande entusiasmo, por cerca de quatro mil pessoas que se arvoraram em sua direção na

³⁰ SILVA, Minelvino Francisco. *Encontro de Lampião com o Padre Cícero no Céu*. [S.L], 1980.

³¹ Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordelfcbr&pagfis=36736>. Data de acesso: 05/04/2017.

esperança de receber um autógrafo ou mesmo uma esmola. Ao contrário do que ocorrera noutras localidades, quando invadira violentamente as residências e edificações públicas, Lampião aportou em Juazeiro a convite do deputado Floro Bartolomeu da Costa e sob a permissão de Padre Cícero, que lhe confiou a missão de participar do Batalhão Patriótico a ser organizado para pôr fim à marcha liderada por Luiz Carlos Prestes – a chamada Coluna Prestes. (MELO. 2010, p. 26)

O poeta João Martins de Athayde narrou a passagem de Lampião em Juazeiro do Norte no folheto *Como Lampião entrou na cidade de Juazeiro acompanhado de cinquenta cangaceiros e como ofereceu seus serviços à legalidade contra os revoltosos*. Nesse folheto Padre Cícero explica as razões da permanência de Lampião e seu bando nas terras de Juazeiro:

Disse o padre: “Nesse ponto
Eu nada tenho a dizer
Falsidade àquele homem
Também não posso fazer
Como é que eu vou maltratar
Quem ajudou a livrar
Nosso povo de morrer?”

(...) “O que eu posso arranjar
Para não ser censurado?
É fazer por onde ele
Só ande aqui desarmado,
E tomo conta do resto,
Faço dele um homem honesto,
Pacato e moralizado.”³²

Sendo assim, podemos perceber a relação das figuras em debate. Lampião que em terra teria sido “acolhido”, pelo seu padrinho Cícero Romão, e que no reino celeste vai à sua procura para interceder por ele a Jesus Cristo.

No cordel de Minelvino Francisco Silva³³, *O encontro de Lampião com o padre Cícero no céu* (1980), o autor trata da figura de Lampião como um destemido

³² *Apud* MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do verso**: trajetórias da literatura de cordel. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010, p. 30.

³³ Minelvino Francisco Silva nasceu no Município de Mundo Novo (BA), em 1926. Trabalhou como garimpeiro, radicando-se posteriormente em Itabuna (BA). Poeta e xilógrafo compôs, basicamente, em sextilhas e setilhas. Publicou o primeiro folheto em 1949 – *A enchente de Miguel Calmon e o desastre do trem de Água Baixa* -, editado pelo amigo Rodolfo Coelho Cavalcante. Em 1980, venceu o concurso Prêmio Literatura de Cordel, como parte das comemorações do centenário de João Martins de Ataíde, com o folheto *Vida, profissão e morte*, de João Martins de Ataíde. Editou em várias tipografias e editoras

cangaceiro que, ao contrário de sua passagem no inferno, lutou e espalhou bravura, além de massacrar, “judiar”, os que já estavam no local.

Lampião chegou no inferno
 Botou mesmo pra quebrar
 Deu porrada no porteiro
 Por não deixar ele entrar
 Ali começou um luta
 De fazer admirar. (SILVA, 1980, p. 01)

Minelvino apresenta o cangaceiro como um homem valente, corajoso, destemido. Mesmo na peleja de entrar no inferno, não se deixa abater ou abalar por quem quer que seja, no ato de impedi-lo. Relacionando tal texto, com a obra *A chegada de Lampião no inferno* (PACHECO, 1982), podemos perceber que, nesta obra, Lampião não aceita o não como resposta, onde fica impedido de ingressar ao inferno, como também, luta, na insistência, na tentativa de conseguir. Mesmo com investida de vários “cães”, como trata o autor, dos que lutam no inferno para a não entrada do cangaceiro no recinto, Lampião não se entrega, nem se deixa levar por um simples não, e ingressa, mesmo sozinho, na batalha.

Percebemos que o cangaceiro é representado com características que o mesmo já tinha antes de sua morte. Ou seja, mesmo morto, e não tendo mais nada a perder, a figura de Lampião, como cangaceiro, não se deixa levar pelo fato de não estar mais vivo. Mesmo morto, sua batalha de lutas, conquistas e vitórias (ou não) continua. O cangaceiro prossegue carregando a sua fama de valente, corajoso, aquele que arrota bravura, destemido dos sertões nordestinos.

Afinal todos os cães
 Não puderam se conter
 Saíram todos correndo
 Pra poder se defender
 Porque contra Lampião
 Só iam mesmo sofrer

Lampião ficou sozinho
 Não achou com quem brigar
 Disse: eu vou para o sertão

como a Tipografia São Francisco, em Juazeiro do Norte (CE), a Luzeiro e a Prelúdio, em São Paulo (SP). Faleceu no dia do seu aniversário, a 29 de novembro de 1999, na mesma rua em que viveu, em Itabuana (BA). Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/MinelvinoFrancisco/minelvinoFrancisco_biografia.html. Acesso em: 05/04/2017

Pra ver se posso encontrar
 Com meu amigo Curisco
 Pra novo grupo formar. (SILVA, 1980, p. 01)

Vemos então que, o autor retrata a valentia do cangaceiro quando questiona que mesmo em grande quantidade, a investida contra Lampião só iria resultar em sofrimento. O cangaço é visto ainda como um movimento que maltrata, que fere, que de certa forma, promove o sofrimento dos homens, tanto na terra, e agora como vemos, no mundo do pós vida. Minelvino chama atenção ainda ao fato de que, “Lampião ficou sozinho / não tinha com quem brigar...” deixando a entender nas entrelinhas que, tamanha era sua valentia, coragem de lutar, que faltava com quem se discutisse, com quem brigar, guerrear. Ele introduz e faz com quem se difunda a eterna imagem do cangaceiro valente, feroz, que não se dá o braço a torcer.

E eis que o cangaço ganha uma nova representação. Lampião é apresentado com uma nova característica. Não tendo mais o que fazer em terra, pelo fato de já está morto, decido ir à procura de seu Padrinho, Cícero Romão, no Céu.

Ficou ele na estrada
 Pra o carro o atropelar
 O carro por cima dele
 Passava sem buzinar
 Conheceu que estava morto
 Começou ele a chorar

Disse ele: agora sim
 O que eu devo fazer?
 Eu pensei que estava vivo
 Quem nunca ia morrer
 Acreditei que estou morto
 Sem ter pra onde esconder

O que eu devo fazer
 Já que sou um grande réu
 -- usar de humildade
 Deixar o rifle e o chapéu
 Ir procurar meu Padrinho
 Que em dia foi para o céu. (SILVA, 1980, p. 04)

Surge então a figura de um cangaceiro que, sem ter mais o que fazer em terra, a única saída é ir se “arremediar” no céu, junto aquele que por ele pode interceder. O cangaceiro que hora foi bem acolhido em terra, como citamos anteriormente, pela pessoa do Padre Cícero, busca refúgio e pode-se até cogitar um arrependimento. O ato

de deixar o rifle e o chapéu, dá a entender que o ofício de cangaceiro é deixado pra trás na tentativa de reconciliação com a vida e com os princípios básicos. O fato de buscar aos céus, pode ser atribuído a uma tentativa de reconciliação, busca pelo perdão ou até mesmo arrependimento.

O cangaceiro que roubava, matava, maltratava, e que a partir de então, roga aos céus por perdão, reconciliação. Tal atitude, segundo o autor, é levada pelo fato de não mais poder viver como antes, já que se está morto, e a vida não se pode continuar. A busca pelo perdão pode ser atribuída a necessidade de poder viver em paz, hora no céu, já que foi pra lá que o cangaceiro se encaminhou. Tendo ele tentando, porém não conseguindo entrar no inferno, umas das suas poucas saídas seria o perdão de Cristo, para assim poder ficar em paz e até mesmo conseguir a sua permanência nos reinos celestes.

Eu vou chamar seu padrinho
Para vir aqui lhe ver
Vocês dois dialogando
É fácil se entender
Depois lhe apresenta ao Mestre
Pra ver o que pode fazer

São Pedro ligeiramente
O Padre Cícero chamou
Lampião em pé na porta
O Padre Cícero chegou
Lampião banhado em prantos
Nos seus pés se ajoelhou

Meu padrinho Padre Cícero
Agora eu me arrependi
Porque vim ter a certeza
Que lá na terra eu morri
E vim pedir ao senhor
Pra ficar consigo aqui (SILVA, 1980, p. 05-06)

O que se estava em jogo, era o perdão pelos pecados, e o arrependimento vem mais adiante. O cangaceiro se apresenta como um pobre coitado, que busca o perdão para remir seus pecados. A sua investida é tentar permanecer ao céu. Não sendo besta este cabra, intercede ao seu padrinho, e que logo vai apresentar-lhe ao soberano. Observamos que, o cangaço é visto através do poema, como um movimento que também há momentos de arrependimento. O tal cangaceiro, que se ajoelha aos pés do seu padrinho, aos prantos, coisa que jamais poderia se imaginar, roga ao mesmo por si,

e pela sua vida, se é que podemos falar assim. Estando ele morto, e agora sem poder matar, a única saída era o perdão conseguir, para poder continuar a viver por ali. De matador a arrependido. Um salto na vida do cangaceiro, onde muitos desacreditam, mas que de fato foi desta forma pensado. E eis que o autor nos apresenta o momento do pedido de perdão:

Dali levou Lampião
A presença do Senhor
E ele pediu perdão
Dos seus pecados de horror
Jesus lhe disse: esperamos
Pelo teu acusador. (SILVA, 1980, p. 07)

O pedido é feito a Deus, e eis que surge a nova figura. Um cangaceiro arrependido, que mesmo feito tudo que fez, segundo o autor, consegue o tanto almejado perdão.

O cão estava doente
Sofrendo até do pulmão
Das pancadas que levou
Na briga com Lampião
Por isso pro céu não foi
Fazer sua acusação

Depois disse o Bom Jesus
Eu fui nascer em Belém
Pra salvar o pecador
Não para acusar ninguém
Se ninguém te acusou
Eu não te acuso também

Lampião naquele instante
Deu um pulo de alegria
Dizendo: bendito seja
O Nosso Deus que nos cria
O Padre Cícero Romão
E a Santa Virgem Maria. (SILVA, 1980, p. 07)

Não estando o acusador presente, o perdão é concedido pelo salvador, e nada mais justo do que uma enorme felicidade. Sendo este perdoado, o ato de matar pelo cangaceiros pode ser entendido como um ofício justificável, onde se apresenta o “réu”, mata-o e subsequente, justifica-se a sua morte e o ato de mata-lo. Diante disso, o cangaço se torna um ofício com propósitos e objetivos.

Sem mais, notamos por Minelvino que o cangaceiro é tido por várias características, dentre elas as mais populares, com atividades nas quais já vimos em outras análises, com ofício de matador, sendo esta a mais cruel, mas que também pode ser visto como ofício que gera-se arrependimento. Tal aspecto em favor de benefícios próprios, na tentativa de se redimir e “viver” em paz, como vimos em tal texto, no céu ao lado de padrinho.

3.3. O encontro de Lampião com Frei Damião³⁴

Publicado em 19**, o famoso encontro de Frei Damião com Lampião, publicado pela Folheteria Machado Nordestino, de Raimundo Silva, o cordel trata de um encontro entre a figura popular que representa o cangaço, e o representante popular da igreja católica.

Uma disputa se pode perceber, entre as figuras mais respeitadas em âmbito religioso e popular. Veremos no cordel que uma discussão oral é travada entre os dois, causando desentendimentos e discussões



Capa do cordel *O famoso encontro de Frei Damião com Lampião* (SILVA, s.d)

³⁴ Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=Cordel&pasta=C2283&pesq=>.
Data de acesso: 04/04/2017.

O encontro das figuras, Damião e Lampião, baseado no folheto de Raimundo Silva, em *O famoso encontro de Frei Damião com Lampião* (s.d) é retratado em dia de grande romaria, mais precisamente ao primeiro de maio. Prometera o capitão retornar ao sertão potiguar, para governar o sertão. Analisando o cordel mais profundamente chegamos a conclusão de que, tendo em vista as figuras representativas dos dois ícones, religioso e popular, pode-se dizer que as figuras “não se misturam”. A visão dos dois é distinta, com posicionamentos e personalidades fortes. Sendo eles tão complexos, um encontro pessoalmente seria quase impossível em vida terrena, porém, as representações que surge acerca dos mesmos, são como vimos no cordel hora citado, um momento de discussões e conflitos.

A facilidade com que os escritores representam esse momento é muito interessante. Mesmo que sendo um encontro “não muito agradável”, mas que a oportunidade veio à tona no campo das representações.

Lampião chegou montado
Em um cavalo alazão
Damião chegou de carro
E vestido com um chambrão
Seus guardas lhe protegendo
Para não levar beliscão.

Lampião falou primeiro
- De você não tenho medo
No verso lhe arrebento
Com a viola e meu dedo
Pois eu vou é lhe deixar
Diante de todos azedo.

Cale a boca, cangaceiro
Que gosta de beber sangue
Respeite que sou santo
E de mim você não manguie
Pois eu lhe almadição
Para morrer no manguie. (SILVA, s.d, p. 03)

A representação é clara que o cangaceiro mais uma vez se põe a enfrentar a figura de um representante de Deus. Destemido e feroz, não se importa com quem fala. Já o frade missionário, também não se dá importância, e trata com calúnias, até mesmo amaldiçoando, o cangaceiro Lampião.

Você que calado fique
Seu velhinho amalucado

Pois aqui eu é que mando
 E dou já o seu trocado
 Já que aqui não é abrigo
 Para velho esclerosado.

Eu sou velho inteligente
 E sei usar o meu poder
 Para guiar o meu povo
 Pra purificado morrer
 Entrar no reino do céu
 E até eu faço chover. (SILVA, s.d, p. 04)

Lampião, além de todos os adjetivos que já lhe foram atribuídos, ganha outros mais. Revolucionário, “incharquento³⁵”, inquieto; tudo isso por se voltar contra o frade missionário como se fosse uma briga verbal, e de pessoas de baixo calão. Suas palavras ignorantes, que mesmo nem sempre verdades, vem a atingir Frei Damião, na tentativa de tirá-lo do sério, provocando assim um conflito não harmonioso.

E eu sou macho valente
 Vivendo a nova era
 Agora com o meu mando
 A mulher tem que ser fera
 Fazer de tudo na cama
 Andar nua, sem espera

De homem a convidar
 Para fazer grande amor
 O povo tá cheio de reza
 E de padre e pregador
 Nosso povo vive a fim
 De expulsar enganador

Principalmente forasteiro
 Vestido de bom mocinho
 Inventando profecias
 Pelo o meio do caminho
 Mas, isto vai acabar
 Com meu governo certinho. (SILVA, s.d, p. 06)

Lampião trata Frei Damião como se fosse um “zé ninguém”. Palavras de baixo estima são ditas a toda hora, afim de desprezar o velho, que vive em pleno mistério, da salvação e da glória. Ignora o seu trabalho, faz dele um qualquer, e se põe

³⁵ Popularmente falando, o termo significa, da alusão aquela pessoa que gosta e que faz confusão sem haver necessidade. É típico de quem, sem por motivos, consegue provocar alguém ao ponto de provocar uma discursão, causar um problema.

mais uma vez mostrar quem ele é! Cabra valente e cabra macho, que de ninguém fica por baixo. Ninguém mais que Lampião pode no sertão mandar. Acrescenta Lampião:

Você é um puxa-saco
Seu velho descabelado
Pois eu vou lhe expulsar
Das terras do meu serrado
Libertando meu Nordeste
Das malícias do seu estado. (SILVA, s.d, p. 07)

O governador do sertão, como ele próprio se apresenta, se põe a expulsão o velho frade Damião. Porém, com segurança no que diz, o religioso se defende falando de sua missão: pregar o evangelho, difundir a missão, que seu reino não é desse mundo, que uma de suas principais missão é catequizar o cristão. Frei Damião acrescenta:

Pare com sua arrogância
E não use esse chavão
Pois tenho certeza agora
Que você pertence ao cão
E, além disto, comunista
Pregando a revolução.

Eu, agora, sou moderno
Em armas não irei pegar
Vou usar minha palavra
Para poder guerrear
Mas, se ainda for preciso
Eu saberei atirar. (SILVA, s.d, p. 08)

Damião se impõe contra Lampião. Acusa-o de fazer pacto com o cão, e de pregar a revolução. O frade se vê necessário a falar algo que tocasse o cangaceiro. Uma luta está a vista e Lampião mais uma vez, como figura de ameaçador, atua no campo, pra amedrontar o religioso. Destemido, o enfrenta sem zelar pelo respeito, tendo vista a idade e a figura do cristão. Prezando por uma não desgraça, o frade se impõe:

Eu não vou mais perder tempo
Discutindo com quem é
Agitador, gangaceiro
A mando de Lúcifer
Que lhe incorporou num ser
Para tirar a nossa fé. (SILVA, s.d, p. 09)

Temente, porém com angustia, Frei Damião se previne e evita um conflito. Mesmo assim, ainda enraivado, adjetiva o cangaceiro com mais palavras que o definem, deixando-o mais furioso e com raiva. Implicâncias por ambas as partes se veem neste

debate. As figuras não querem ficar por baixo e terminam em agressão verbal. Lampião porém responde, e afirma com veemência, que o povo nordestino é da “modernagem”, irá seguir a si, como exemplo de atualidade.

E ora eu me despedir
 Vou lhe botar na parede
 Pendurado numa vara
 Para que morra de sede
 E eu soube outro dia
 Que você mija na rede

A multidão explodiu
 Aplaudindo Lampião
 Diante daquele frade
 No meio do seu sermão
 E Lampião assumiu
 O comando do sertão. (SILVA, s.d, p. 10)

O debate é encerrado, e este é diferente. A agressão não veio, porém uma ação de maltrato e ignorância, coisas que já são esperadas pela figura do cangaceiro. Também fica claro a admiração pela figura do cangaceiro, no ato de clamor, vanglória e euforia do povo em reação a ação cometida de Lampião com Frei Damião.

Portanto, podemos concluir que o movimento que perpassa a fase do céu ganha uma nova conotação, trazendo novos ares para o termo do próprio movimento. As novas representações partindo desse viés e desse novo espaço, faz com que se construa um imaginário e uma visão mais positiva acerca do fenômeno. Quebra-se aquele tabu, de que o cangaço é tido como um movimento de bandidos, assassinos, e surge um novo conceito, que vai abordar a questão do lado positivo do movimento. Vimos no decorrer desse capítulo, que termos como perdão, o arrependimento, o voltar, o pedir e até mesmo interceder a alguém para ser perdoado, foram utilizados nas (ré)apresentações sobre o cangaço.

Sendo assim, podemos afirmar que, as mais múltiplas variáveis formas de representações estão no corpus documental da literatura de cordel.

VIRANDO A PÁGINA E FECHANDO A HISTÓRIA

Às vezes dormindo sonho
 Que me vejo em liberdade
 Ali penso em entregar-me
 Porém imagino que é tarde
 Pau em quem nunca apanhou
 Acha o couro fino, arde
 (BARROS, s.d. p. 14).³⁶

No decorrer deste trabalho voltamos nossa atenção para o cangaço como movimento SOCIAL, as representações que foram elaboradas acerca de Lampião a partir, da literatura de cordel. De modo a tentarmos atender a problemática da pesquisa, fizemos algumas escolhas, e o uso de cordéis de três gerações, sendo eles: *A Ira e a vida de Antônio Silvino*, de Leandro Gomes de Barros; *História completa de Antônio Silvino: sua vida de crimes e seu julgamento*, de Francisco das Chagas Batista; *O Combate de José Colatino e o Carranca do Piauí*, de João Melquíades Ferreira da Silva; *Um das maiores proezas que Antônio Silvino fez no sertão pernambucano* – José Camelo de Melo Resende; *A morte de Lampião*. De Elias Alves de Carvalho *A chegada de Lampião no Inferno*, de João Martins de Athayde. *Lampião fazendo o Diabo chocar um ovo*, de José Costa Leite; *Encontro de Lampião com Antônio Silvino*, de José Costa Leite; *O barulho de Lampião no Inferno*. De Rodolfo Coelho Cavalcante; *A chegada de Lampião no céu* O cordel de José Pacheco. *A chegada de Lampião no Céu*; José Pacheco *O encontro de Lampião com Padre Cicero no céu*; Minelvino Francisco Silva.

É um processo delicado dar uma pesquisa por encerrada. Mas, como algo tem que ser apontado neste espaço, concluímos que Lampião foi alvo de múltiplas representações. Assassino/matador, ladrão/saqueador; herói/arrependido; e que estes podem ser entendidas como parte de um discurso de apropriação por parte dos cordelistas, que podem dizer mais sobre si mesmos do que sobre o próprio Lampião.

³⁶ BARROS, Leandro Gomes de. **Todas as lutas de Antônio Silvino**. Recife: Edição do autor, s.d.

Importante destacar que os pesquisadores que os estudos que se voltam para o cangaço irão se deparar com várias produções que se preocuparam em ascender a dicotomia herói ou bandido. Nossa preocupação se deu no campo de identificar quais os cordéis faziam alguma menção ao cangaço, e isso não foi uma tarefa tão simples. A pesquisa histórica me ensinou que muitos detalhes cruciais podem ser encontrados nas minúcias, no não-dito, no nosso caso, em muitos cordéis que acreditávamos conter informações importantes, só dispunham de pouquíssimos ou quando nenhuma informação.

O contato com as fontes se deu por meio de mídia digital, os arquivos estavam disponíveis na internet, fato que facilitou nosso trabalho pois, seria mais difícil reunir todos os cordéis originais e impressos, em sua maioria, já desgastados com o tempo. De forma a dar uma harmonia ao texto, os capítulos foram construídos visando darmos uma melhor atenção a análise da fonte.

Já no primeiro capítulo, tratamos do Cangaço na terra. O movimento que ocorre diariamente nos séculos 20 e 30, e em paralelo a ele, os cordelistas escrevem sobre o movimento. Destacamos ainda os próprios cordéis de Leandro Gomes de Barros, João Melquíades Ferreira da Silva, Francisco das Chagas Batista, José Camelo de Melo que foram selecionados para tratar do cangaço, trazendo à tona as suas representações acerca do movimento. E aos poucos, fomos percebendo que muito do que estava consagrado historiograficamente falando, também era assunto nos cordéis, temas como a política local, as crises econômicas, os privilégios, o coronelismo, a busca por capturar os cangaceiros. E a própria dicotomia herói ou bandido permanece nos cordéis.

No segundo capítulo trilhamos a linha da literatura de cordel como uma categoria da cultura popular e como o cangaço começou a ser representado nos cordéis de João Martins de Athayde, José Costa Leite e Rodolfo Coelho Cavalcante, que trataram principalmente sobre questões e problemáticas acerca do cangaço, no espaço denominado Inferno. Brigas, conflitos, mortes, medo e dentre outras temáticas estavam sendo questionadas por esses autores. A representação do cangaço, sob o olhar de maldade, com sentimentos “tidos” negativos em relação aos demais, estava construído.

No terceiro capítulo, tratamos dos cordéis da segunda e terceira geração, composta por cordelistas renomados, e buscamos perceber como o cangaço foi representado depois da morte de Lampião, particularmente em cordéis que tratava do movimento perpassando no contexto de um espaço denominado Céu. Encontramos cordéis que enalteciam a imagem de Lampião, que recebeu diversas homenagens pelos seus feitos em prol dos mais necessitados. E outros cordéis que o estabeleciam outros parâmetros para a figura de Lampião. Podemos afirmar que não há uma homogeneidade de representações acerca do cangaço e menos ainda, acerca de Lampião.

Aqui, cria-se uma (ré)apresentação acerca do cangaço, que ficará marcado na história. O de arrependido, daquele cangaceiro que pede perdão, que reconhece o seu erro, admite e vai buscar ser perdoado. Sendo assim,

Leitores, vou terminar
Tratando de Lampião
Muito embora que não possa
Vos dar a explicação
No inferno não ficou
No céu também não entrou
Por certo está no sertão (PACHECO, s.d., p. 08).³⁷

Portanto percebemos que a figura do cangaceiro, foi rejeitada por muitos e nem no inferno ficou. Homem que demonstrava bravura e coragem, foi desmoralizado e rejeitado. Morreu! No inferno passou, no céu não ficou. O céu do cangaceiro, por certo é os sertões.

Não é nossa intenção desconstruir as representações contidas nos cordéis, mas compreender que, assim como em outros trabalhos que lidavam com outras tipologias de fontes, o cangaço ainda é um tema bastante rico em análises. Tudo depende do olhar que lhe é conferido. Foi difícil deixar de lado a minha paixão particular pelo assunto e assumir a postura de historiador. Reforçamos ainda que, este é um trabalho inicial, que pretendemos ampliar as discussões para projetos acadêmicos futuros. Por fim, saliento que foi muito importante o contato com outras perspectivas acerca do cangaço, eu enquanto um apaixonado pelo assunto, possuía uma visão um tanto quanto romantizada do movimento. Esta pesquisa me propiciou conhecimento e amadurecimento.

³⁷ PACHECO, José . **A chegada de Lampião no inferno**. 3.ed. Juazeiro do Norte: Lira Nordestina, 1982.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Deixo por falta de assunto
 Minha história interrompida
 Quando novos incidentes
 Se derem na minha vida
 Dos leitores a notícia
 Hei de fazer conhecida.
 (BATISTA, 1908, p. 13) ³⁸

Literatura de cordel

BARROS, Leandro Gomes de. **A ira e a vida de Antônio Silvino**. Recife: edição do autor, s.d.

BATISTA, Francisco das Chagas. **História completa de Antônio Silvino**: sua vida de crimes e seu julgamento. Recife, 1907.

_____. **A história de Antônio Silvino**. Recife: Imprensa Industrial, s.d.

_____. **A vida de Antônio Silvino**, Recife: Imprensa Industrial, 1905.

_____. **A política de Antônio Silvino**. Parahyba (João Pessoa): Popular Editora, 1908.

_____. **O interrogatório de Antônio Silvino**. , Rio de Janeiro: Imprensa e Papelaria Pacheco, 1915.

_____. **Antônio Silvino**. Vida, crimes e julgamento. Parahyba (João Pessoa): Popular Editora, s.d.

_____. **A história de Antônio Silvino. Novos crimes**. Recife: Imprensa Industrial, 1908.

BATISTA, Hamurabi. **A Oração de fechamento de corpo que Padre Cícero deu a Lampião**. Juazeiro do Norte: Fundação Memorial Padre Cícero: Gráfica e Editora Royal, 1997.

_____. **Carta de um poeta a Lampião nos 100 anos do seu nascimento**. Juazeiro do Norte: Fundação Memorial Padre Cícero: Gráfica Sobreira, 1997.

BATISTA, Abraão Bezerra. **João Peitudo, o filho de Lampião e Maria Bonita**. Juazeiro do Norte: [S/N], 1982.

38 BATISTA, Francisco das Chagas. **O interrogatório de Antônio Silvino**. Rio de Janeiro: Imprensa e Papelaria Pacheco, 1915.

CARVALHO, Elias Alves de. **A morte de Lampião**. Petrópolis: Gráfica Dantas, 1984.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **O barulho de Lampião no inferno**. 5. ed. [S.L], , 1977.

HELENA, Raimundo Santa. **Lampião e o sangue de meu pai**. Rio de Janeiro, 1980. Edição.

_____. **Lampião e minha mãe violentada**. São Paulo, 2001.

LEITE, José Costa. **Lampião fazendo o diabo chocar um ovo**. Condado, PE: A voz da Poesia Nordestina. [19--] ?. (Cordel).

_____. **A briga de Antônio Silvino com Lampião no inferno**. Condado: A voz da poesia Nordestina, 1972.

PACHECO, José. **A chegada de Lampião no céu**. Bezerros, 1997.

_____. **A chegada de Lampião no inferno**. 3.ed. Juazeiro do Norte: Lira Nordestina 1982.

_____. **O grande debate de Lampião com São Pedro**. S.n.t.

PESSOA, Sá de João. **Lampião: herói nacional**. [S.L.: S.N], 1991.

RESENDE, José Camelo de Melo. **Uma das maiores proezas que Antônio Silvino fez no Sertão Pernambucano**. [S.L.: S.N.: S.D].

SILVA, João Melquíades Ferreira da. **Combate de José Colatino com o Carranca do Piauí**. Campina Grande, 1955.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Jararaca – o Cangaceiro militar**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2000.

SILVA, Minelvino Francisco. **Encontro de Lampião com o Padre Cícero no Céu**. [S.L], 1980.

SILVA, Raimundo. **O famoso encontro de Frei Damião com Lampião**. São Paulo: Folheteria Maxado Nordestino, [19--].

Bibliografia

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Violar Memórias e Gestar a História**. Abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um “parto difícil”. UFPB, CLIO – Série História do Nordeste, Nº 15 – 1994.

BOURDIEU, Pierre – Você disse popular? In: **Revista Brasileira de Educação**. nº 1. jan-fev-mar-abr., 1996, 16-26. Disponível em: <http://www.josenorberto.com.br/VOC%C3%8A_DISSE_DEMOCRACIA_RBDE01_04_PIERRE%20BOURDIEU.pdf>. Acesso em 05. Jul. 2016.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales 1929-1989**. São Paulo: UNESP, 1991.

CANCLINI, Néstor Garcia, **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997.

_____. **Culturas híbridas, poderes oblíquos**. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 1997.

CANDIDO. Manoel. **Factores do Cangaço de 1910 a 1930**. São José do Egyppto, Pernambuco, 1934.

CERTEAU, Michel de. A beleza do morto. In: _____. **A cultura no plural**. São Paulo: Papyrus, 1995, p.55-86. p.59.

CHARTIER, Roger. “Cultura Popular”: Revisitando um conceito historiográfico. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8º, Nº. 16, 1995, p. 179 – 192.

_____. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

CLEMENTE, Marcos Edilson de Araújo. Terra ignota: Cangaço e representações dos sertões do Nordeste brasileiro na Primeira metade do século XX. **Outros Tempos**, vol. 10, n.15, 2013. ISSN:1808-8031. Disponível em: <http://www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros_tempos_uma/article/viewFile/257/176> Acesso em: 09.jul. 2016.

_____. Cangaço e cangaceiros: histórias e imagens fotográficas do tempo de Lampião. **Fênix** – Revista de História e Estudos Culturais. Outubro/ Novembro/ Dezembro de 2007 Vol. 4 Ano IV nº 4 ISSN: 1807-6971. Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF13/DOSSIE_%20ARTIGO_13-Marcos_Edilson_de_Araujo_Clemente.pdf>. Acesso em 09. Jun, 2016.

CRUZ, Roberto dos Reis. VEIGA, Benedito José de Araújo. **Lampião: representações na literatura de cordel em folhetos de Franklin Maxado**. – **Anais do XVI CNLF**. Rio de Janeiro: CIFEFiL, 2012. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xvi_cnlftomo_3/185.pdf. Acesso em: 09. Jun. 2016.

DUTRA, Wesley Rodrigues. **Nas Trilhas do “Rei do Cangaço” e de suas Representações (1922 – 1927)**. 2011. 176p. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História. João Pessoa.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. 1965. Editora Civilização Brasileira.

FERRERAS, Norberto O.. **Bandoleiros, cangaceiros e matreiros: revisão da historiografia sobre o Banditismo Social na América Latina**. História, Franca, v. 22, n. 2, p. 211-226, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742003000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10. Jul. 2016.

GASPAR, Lúcia. **Literatura de Cordel**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. 2009. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/> Acesso em: 20 Jan. 2017

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A Arte do Povo: Histórias na Literatura de Cordel (1900- 1940)**. Niterói, RJ: Tese de Doutorado - UFF, 2005.

_____. Evas ou Marias? As mulheres na literatura de cordel: preconceitos e estereótipos. **Esboços-Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC**, v. 14, n. 17, p. 123-155, 2008.

GAGLIETTI, Mauro; BARBOSA, Maria Helena Saldanha. **A questão da Híbrida Cultural em Néstor García Canclini**. VIII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação da Região Sul. (S. D), Passo Fundo, RS. Artigo – Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

GARCIA, Peter de Góes. **O cangaço no cordel e a constituição de uma identidade regionalista pelo migrante nordestino (1950-1980)**. Dissertação. 2015. 154f. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

HOBBSAWM, Eric J. **Bandidos**. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

_____. **Rebeldes primitivos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

_____. RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LIRA, Jaqueline Resende, *et al.* Lampião e os banditismo social: uma possibilidade de leitura. Democracia e ditaduras no mundo contemporâneo. **XII Encontro da Associação Nacional de História**, seção Mato Grosso do Sul, 13 a 16 de outubro de 2014, - UFMS/CPAQ – Aquidauna- MS.

MAYA, Ivone da Silva Ramos. **O poeta de cordel e a Primeira República: a voz vizível do popular**. 2006, Dissertação. 142f. Mestrado em História, Política e Bens Culturais. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do verso: trajetórias da literatura de cordel**. Rio de Janeiro 7Letras, 2010.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. São Paulo: A Girafa Editora, 2004.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Estrelas de couro: a estética do cangaço** / Frederico Pernambucano. – São Paulo: Escrituras Editora, 2010.

MENEZES, Antônio Alan Dantas de. **O cangaço em Fogo Morto e os Desvalidos**. 2012. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará. Mestrado em Letras (Estudos literários). 2012.81p.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Os Cangaceiros: ensaio de interpretação histórica**. São Paulo: Boitempo, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autentica, 2004.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **História do Cangaço**. 5. ed. São Paulo: Global, 1985.

RAMOS FILHO, Vagner Silva. **Memórias do cangaço na cultura popular cearense: cangaceiros sobrevivem no imaginário nordestino**. Disponível em: <www.uece.br/eventos/.../anais/trabalhos.../52-12607-18102012-164635.doc> Acesso em: 04. Jul. 2016.

ROSA, José Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Editora Nova Aguilar, 1994 – Biblioteca Luso Brasileira, Volume II,

REGO, José Lins do. **Pedra Bonita**. Rio de Janeiro Livraria José Olympio editora. 1938.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. **O cangaço no combate das memórias**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

SARMENTO, Guerhansberger Tayllow Augusto. **Nas redes das memórias: as múltiplas faces do cangaceiro Chico Pereira**. 2016. 120 f. Monografia. Curso de Graduação em História. Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras.

SIQUEIRA, Ana Marcia Alves. **O Cabeleira entre a tradição e o cientificismo: a construção do herói sertanejo e o projeto educacional de Franklin Távora**. Tese. 2007. Programa de Pós Graduação em Letras. Universidade de São Paulo, São Paulo.

SOUZA, Anildomá Willas. 1962. **Lampião: Nem Herói, nem bandido...** A História. Serra Talhada: GDM Gráfica, 2009, 4ª edição.

TÁVORA, Franklin. **O cabeleira**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

TERRA, Ruth Brito Lemos. **Memórias de lutas: a literatura de folhetos no Nordeste (1893-1930)**. São Paulo: Global, 1983. (Coleção Teses, nº 13).

TEIXEIRA, Larissa Amaral. **Literatura de cordel no Brasil: os folhetos e a função circunstancial**. 2008. Monografia. Centro Universitário de Brasília – UniCEUB-faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas – FATECS. 2008. 44p.

VIEIRA. Francisco Jacson Martins. **A mitificação das figuras emblemáticas de Padre Cícero e Lampião, através da Literatura de Cordel**. 2012. Dissertação. 177f. Mestrado em Letras. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza,

WEISEBRON. Marianne L. **Historiografia do cangaço e estado atual da pesquisa sobre banditismo em nível nacional e internacional**. *Ci & Tróp.*, Recife, v. 24, n 2, p. 41-74. jul/dez., 1996. Disponível em: <<https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/viewFile/634/427>> Acesso em: 07. Jul. 2016.

Filmes

***Lampião, O Rei do Cangaço (1937)*, de Benjamim Abrahão;**

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=fBR9wPp5gt8>

Acesso em 03/04/2017

***A Morte Comanda o Cangaço (1961)*, de José William da Silva;**

Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=gPh7vcHdG_k

Acesso em 03/04/2017

***Jesuino Brilhante, O Cangaceiro (1972)*, de William Cobbett**

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=aFklEMv26w8>

Acesso em 03/04/2017

***Deus e o diabo na terra do Sol (1964)*, de Glauber Rocha.**

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=mS81fFWbJCY>

Acesso em 03/04/2017